

Organização, seleção, notícias biográficas
e estudo crítico por Francisco Aurelio Ribeiro

A black and white portrait of a man with short, dark hair, wearing round-rimmed glasses, a white shirt, a dark tie, and a dark suit jacket. He is looking slightly to the left of the camera with a neutral expression. The background is plain white.

*Um intelectual
orgânico*

Ciro Vieira da Cunha: vida e obra

coleção *Roberto Almada*

UM INTELLECTUAL ORGÂNICO
CIRO VIEIRA DA CUNHA:
VIDA E OBRA



ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira
(Presidente)

Getúlio Marcos Pereira Neves
(1º Vice-Presidente)

Romulo Felipe
(1º Secretário)

Marcos Tavares
(1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

- PREFEITURA DE VITÓRIA -

Lorenzo Pazolini
(Prefeito Municipal)

Estéfane da Silva Franca Ferreira
(Vice-Prefeita)

Eduardo Henning Louzada
(Secretário Municipal de Cultura)

Elizete Terezinha Caser Rocha
(Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

Distribuição gratuita. Venda Proibida.

Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”

bmunicipalvitoria@gmail.com

55 27 3381.6926

Organização, seleção, notícias biográficas
e estudo crítico por Francisco Aurelio Ribeiro

UM INTELLECTUAL ORGÂNICO
CIRO VIEIRA DA CUNHA:
VIDA E OBRA

SMC

Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria Municipal de Cultura -
Vitória
2023

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2023

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça * Álvaro José Silva * Ester Abreu Vieira de Oliveira

Elizete Terezinha Caser Rocha * Fernando Achiamé

Francisco Aurélio Ribeiro * Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZADOR: Francisco Aurelio Ribeiro

REVISÃO: Do organizador

CAPA E EDITORAÇÃO: Wilbett Oliveira

IMPRESSÃO: Editora Cajuína

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública Municipal Adolpho Poli Monjardim, Vitória/ES)

-
- 161 Um intelectual orgânico: Ciro Vieira da Cunha: vida e obra / Organização, seleção, notícias biográficas e estudo crítico por Francisco Aurelio Ribeiro. – Vitória, ES: Secretaria Municipal de Cultura, 2023.
110p. ; 21 cm.— (Coleção Roberto Almada, 35).

ISBN : 978-65-85121-71-2

Publicação em convênio com a Prefeitura Municipal de Vitória e a Academia Espírito Santense de Letras.

1. Literatura brasileira – Crítica e interpretação. 2. Poesias brasileiras. 3. Crônicas brasileiras. I. Cunha, Ciro Vieira da, 1897-1976. II. Série.

CDD B869.0952
CDU 869.0(81)-09

Distribuição gratuita. Venda Proibida.

Biblioteca Municipal de Vitória “Adolpho Poli Monjardim”

bmunicipalvitoria@gmail.com

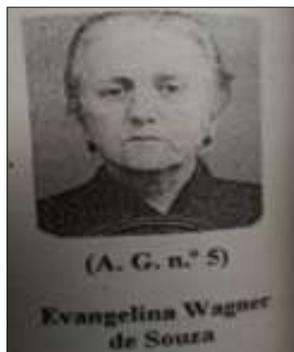
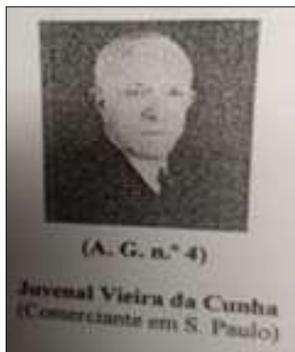
55 27 3381.6926

SUMÁRIO

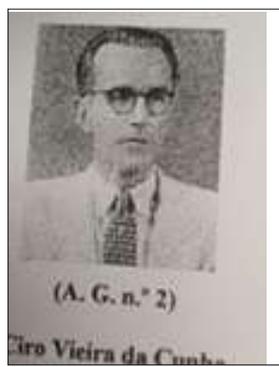
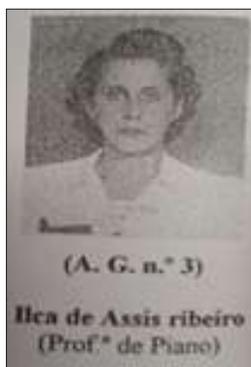
| | |
|---|-----|
| CRONOLOGIA..... | 7 |
| NOTÍCIA BIOGRÁFICA..... | 23 |
| CIRO VIEIRA DA CUNHA: PAULISTA DE NASCIMENTO, CAPIXABA DE CORAÇÃO..... | 23 |
| ANEXOS..... | 26 |
| ANTOLOGIA (POEMAS) | |
| I POESIA | 32 |
| II TROVAS..... | 33 |
| III SONETOS..... | 36 |
| COMENTÁRIO DE JOSÉ VICTORINO AOS POEMAS | |
| DE CIRO V. DA CUNHA..... | 46 |
| VIEIRADACUNHA–PORLEVYROCHA..... | 47 |
| ANTOLOGIA (PROSA) | |
| I CRÔNICAS..... | 58 |
| II ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS (AEL)..... | 73 |
| III ENSAIO CRÍTICO..... | 88 |
| REFERÊNCIAS..... | 107 |

CRONOLOGIA

1897-01/06- Nasceu em Sorocaba, SP, filho de Juvenal Vieira da Cunha e Evangelina Wagner de Sousa. O pai era contador, guarda-livros, e sonhava ver o filho médico como o seu pai.



1903-28/12. Nascimento de sua futura esposa Ilca Assis Ribeiro. Era natural de Santana do Deserto, MG, mas morava no Rio, quando se conheceram. Formou-se em Piano pela Escola Nacional de Música.



1904-1907- Fez o curso Primário em Sorocaba, com a Prof^ª Alexandrina Braga, mãe do educador Erasmo Braga.

1908-1914- Fez o curso de Ciências e Letras no Ginásio Anglo Americano, em São Paulo.

1915- Iniciou o curso de Medicina na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, na Rua do Brigadeiro.

14/10/1915- Conhece Olavo Bilac, em sua visita à Faculdade, e se apaixona por suas poesias. Até o fim da vida, foi seu maior ídolo literário.

1916- Mudou-se para o Rio de Janeiro, lá estudando na Faculdade de Medicina, na Rua da Misericórdia. Também teve aulas de teatro com Coelho Neto, no Teatro Nacional. O pai o obriga a largar o teatro pela medicina. No Rio, morava em uma pensão na Rua da Lapa, convivendo com Alberto Deodato, Ribeiro Couto, Nilo Bruzzi, Manuel Bandeira e Menotti Del Picchia. Sua paixão eram a literatura e o teatro e não a medicina.

1917 e 1918- cursou o terceiro e o quarto ano de Medicina, sendo aprovado por decreto de Delfim Moreira, em função da gripe espanhola. Entra no Tiro de Guerra, por influência de Bilac.

1918- Passou a atuar na imprensa, colaborando em “A Folha”, de Medeiros de Albuquerque, “D. Quixote”, de Bastos Tigre e “Boa Noite”, vespertino em que publicou “Leiloneida”, poema.

1918- Dezembro. Morte de Bilac. Comoção nacional. O Brasil perde seu maior poeta. O Brasil sofre com a morte do poeta.

1918- Publicou **Pontos de Química Fisiológica**. Em colaboração com Alberto Moreira. Rio.

1919 a 1921. Conclui, a duras penas, o curso de Medicina. Teve como colega, a partir de 1918, a atriz Guilhermina Rocha, autora e atriz da revista “O Caradura”.

1922- Publicou **Contra o Alcoolismo no Brasil. De como se deve combater o alcoolismo no Brasil**. Foi a sua tese de conclusão do curso de Medicina.

1922- Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Diplomou-se em Urologia pela Cruz Vermelha Brasileira. Casou-se com Ilca Vieira da Cunha, uma pianista formada pela Escola Nacional de Música. Ele também era músico, tocava violino.

1923-8/2- Casa-se com Ilca Assis Ribeiro, 20 anos, em Vila Isabel, na casa de sua mãe, Da. Elvira de Oliveira Ribeiro.

1923- Iniciou sua vida clínica em Conceição do Castelo, ES, após ter encontrado o emprego em um anúncio no jornal. Viajou 18 horas de trem até Castelo e mais oito horas de burro até chegar ao destino. A “viloca”, como diz, em suas memórias, não tinha luz, água encanada ou esgoto. Foi o primeiro médico do lugar. Viveu lá 1,5 ano.

1924- Publicou Álcool e Amamentação. Prefácio do Prof. Wilson Paranhos.

1925- Após 18 meses em Conceição do Castelo, mudou-se para Castelo, onde exerceu funções de médico, professor e jornalista. Lá, fundou o jornal “A Hora” e foi diretor do externato Rui Barbosa.

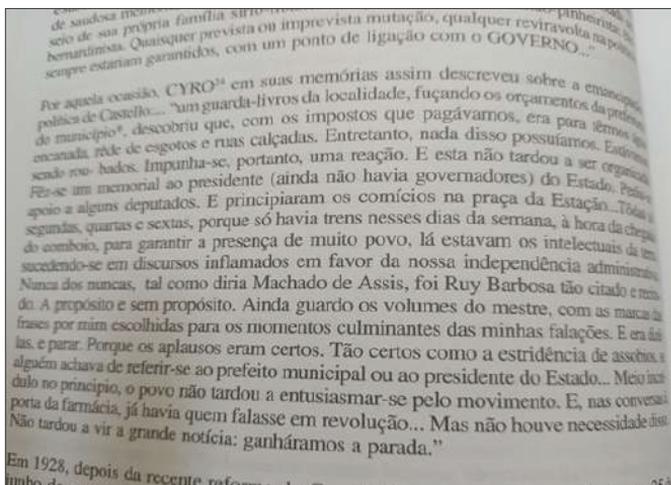
1926- 12/06- Nascimento do filho Rui Vieira da Cunha, em Castelo.

1928- 16/10. Nascimento da filha Leda Vieira da Cunha, em Castelo.

1928- Funda o externato Rui Barbosa, com aulas de educação física, canto orfeônico e educação sanitária, uma novidade para a época. O externato ficava ao lado de sua casa.



1928-25/12. Emancipação de Castelo. Ciro participa ativamente, fazendo comício na praça da estação.



1929- 7/01. Cyro é um dos assinantes da Ata da Instalação Oficial do Mun. de Castelo. Após a cerimônia, foi oferecido um banquete no Hotel Madeira. Cyro é o terceiro, à direita, de óculos.



FOTO Nº 07 - Banquete Oferecido às Autoridades por Ocasão da Emancipação Política - Hotel Mangueira - 1929.

Da Esquerda para a Direita: 1- Clovis Bruzzi, 2- Dr. Carlos Lomba, 3- Liberato Shwartz, 4- Hildebrando Silva, 5- Cesar Ferreira dos Santos, 6- Américo Viveiros da Costa Lima, 7- Archilau Vivacqua, 8- Dr. Augusto Emílio Estellita Lins, 9- Dr. Raymundo Nonato Rangel, 10- Anysio Moreira de Novais, 11- Mário Morcet (garçon), 12- Cyro Vieira da Cunha, 13- Attilio Vivacqua, 14- Cizenando Silva e 15- Antonio Magalhães.
(Acervo: Família Dr. Carlos Lomba)

Fonte: Vieira (2004).

1929-1930- Vereador em Castelo, na primeira legislatura da Câmara Municipal. Eram 6 ao todo.

1929- 11/07. Criado o Tiro de Guerra 338. Ciro foi o Presidente da Diretoria do TG.

16/11/1930- Fundou o semanário “A Hora”. A primeira manchete foi: “Somos pela Constituinte e pelo Divórcio”. A Constituinte veio dois anos depois, mas o divórcio levou quase meio século. O jornal tinha 4 páginas.

1930- Os revoltosos militares sob o comando do Te. José T. Porcino invadem Castelo. Os moradores abandonam suas casas e fogem para o interior. O Dr. Ciro os recepcionou, saudando-os como irmãos e acalmou a população.

1931- O Ten. Nicanor Paiva é nomeado Interventor Municipal de, depois, o Dr. Mário Tavares, como Prefeito. Ciro está ao lado deles, como mostra a foto de 3/10/1931.



1932- Desiludido com a profissão, abandonou a Medicina, após a morte de um menino acometido de pneumonia, que não conseguiu salvar. Ainda não havia antibióticos.

1933- Professor de Português no Colégio Americano e no Colégio do Carmo. Reside no Hotel Capitólio, provisoriamente. Depois, passa a residir na Praça Costa Pereira, Ed. Guimarães, 6º andar.

1933- Publica seu primeiro livro, **Espera inútil**, poesias. Esse seu primeiro livro de versos possui 64 páginas e foi publicado pela Imprensa Oficial do ES. Reúne 28 sonetos ilustrados pelo artista capixaba Leobaldo Ferreira e tem como epígrafe “[...]o desgraçado coração humano só com o que não possui é que é feliz”, do poeta parnasiano Vicente de Carvalho. A “espera inútil” do título é explicada no prólogo: “Na ânsia eterna de felicidade, a alma espera...Glória? amor? Não sabe. Mas espera. Desmancha-se em ódios. Ou se afoga em beijos. Desfaz-se em clamores. Ou se despedala em versos. E espera sempre. Espera o que não vem. De olhos para o alto, não percebe a felicidade que lhe mora nas mãos. A felicidade do sonho...E espera... Espera inútil”. Provavelmente, escrito na juventude, pela temática e pela forma dos sonetos, anteriores a qualquer sugestão modernista ou futurista já praticada por escritores da década de 1930, quando foi publicado. É o primeiro livro literário do autor.



Na orelha, há indicação de dois livros a publicar, *Café Pequeno*, crônicas, e *Garoa*, poesias.

1934- Participa como Delegado do ES do 6º Congresso Nacional de Educação, ocorrido no Ceará. É Redator-Chefe do **Diário da Manhã**, jornal oficial do estado.

1935-7, 1939-41 e 1943- Professor Catedrático de Português na Escola Normal Pedro II com tese defendida e publicada sobre **O dialeto brasileiro**.

1936- Maio. Discursa para 5 mil pessoas, na inauguração do estádio “Governador Bley” do Rio Branco F.C, em Vitória -ES, Jucutuquara.



Fonte: Revista Chanaan, ano I, n.5-6, maio-jun., 1936.

1935-1938- Diretor da Escola Normal Pedro II. Filhos estudam em Vitória.

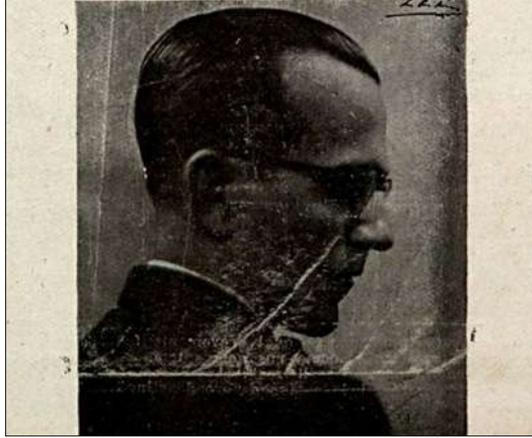


1937- Publicou **Oração de Paraninfo**. Dedicado às Professorandas da Escola Normal Pedro II de 1936. 21p. Publicação da Imprensa Oficial. Vitória.ES.

1938- Eleito para a Academia Espírito-santense de Letras, para ser o 1º ocupante da cadeira 25, cujo patrono, escolhido por ele, foi o cachoeirense Antônio Vieira da Motta, falecido em 1934.

1940- Publica **A correspondência de Machado de Assis**. É Diretor-artístico da Rádio PRI-9 Rádio Club do Espírito Santo, conforme a Revista Fon Fon, ed.0047, 1940.

CYRO VIEIRA DA CUNHA, intelectual brilhante, que tem brindado a PRA-9 com trabalhos de fino lavor literario, é o competente director-artístico da PRI-9, Radio Club do **Espirito Santo**, e fórma no grupo, cada vez maior, das figuras de escol do radio brasileiro.



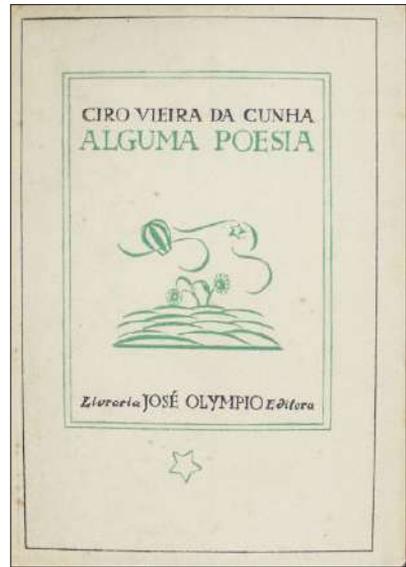
1941- Publicou **De pé pelo Brasil**.

1941-1944- Foi diretor do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), sendo substituído por Christiano Fraga. O DEIP era a ligação dos atos da administração municipal e estadual com a Agência Nacional. Era dele que a Agência Nacional recebia as informações sobre os atos e outras notícias importantes da administração, da interventoria e da sociedade capixaba.

1941-1942- O jornal “A Tribuna Ilustrada” lançou o concurso para eleger por voto o “Príncipe dos Poetas Capixabas”. 51 candidatos concorreram, 10 mulheres. O 1º lugar ficou com Narciso de Araújo, poeta simbolista, com 4.423 votos e o 2º com Cyro Vieira da Cunha, com 3.762 votos. A premiação foi a publicação do seu livro **Alguma Poesia**, edição nacional da José Olympio.

1942- Publica **Alguma Poesia**. José Olympio Ed. Capa de Luís Jardim. Segundo livro de poesias do autor, reúne 47 poemas, distribuídos em 3 partes: ...Das horas de ânsia, ...Dos instantes de amor, e ...Dos dias de saudade. Com epígrafe de Martins Fontes, “[...] a poesia é necessária como o pão”, apresenta 36 sonetos, dentre os 47 poemas, alguns deles merecedores de publicação em qualquer antologia de poesia parnasia-

na, tal a perfeição com que foram feitos. O autor sempre considerou Olavo Bilac seu ídolo e seus poemas revelam a fôrma apreendida com o mestre. Os poucos poemas modernistas, sem metro ou rima, no entanto, revelam a qualidade do trabalho estético de CVC e uma mudança em relação ao seu primeiro livro de versos, “Espera inútil”, totalmente parnasiano, publicado na década anterior. Também é o seu primeiro livro literário publicado por uma grande editora nacional, fora de Vitória, por ter ficado em 2º lugar no concurso de “Príncipe dos Poetas Capixabas”.



1943- Publica **Sinfonia das ruas de Vitória**, versos em parceria com Celso Bonfim, Eugênio Sette e Geraldo Costa Alves. Este livro reúne os seguintes poemas modernistas dos autores: “Garoto Pidão”, de Eugênio Sette; “Vitória” e “Madrugada nas ruas de Vitória”, de Celso Bonfim, “Porto de Vitória” e “Rainha das Flores”, de Geraldo Costa Alves e “Poema do Morro” e “Cantiga de Roda”, de Ciro Vieira da Cunha. Em “Poema do Morro”, o autor retrata a “Menina do morro...morena bonita, com laço de fita, vestido de chita, que lava pra fora, cobrando por mês...”; essa “Menina do morro, morena bonita, que lava pra fora, cobrando por mês... Não fala em namoro, mas pensa no *amô* de um primo malungo que um velho quibungo de um velho quitungo pediu a Xangô...”. O melhor do poema é a reconstituição de uma linguagem afro-brasileira, ao modo de Jorge de Lima. O segundo poema do autor é “Cantiga de Roda”, cujo tema é a “Menina da praça, garota sem graça, que passa, que passa, que passa outra vez... Por que você para e faz cara feia, se a gente repara nas pernas sem meia, e diz umas coisas em mau português?”. A visão poética é afetada pela postura pedagógica do professor.

1944- Secretário de Estado da Saúde e Assistência.

1945- Secretário de Estado da Educação e Cultura.

1946- Interventor Federal no Espírito Santo de 11 de novembro a 26 de dezembro.

1947- Publica **Chuva de Rosas**, poemas.

1948- Seu filho Rui forma-se em Direito pela Faculdade Nacional de Direito, RJ.



1950- Muda-se para o Rio de Janeiro. Inicialmente, mora no Jardim Botânico, depois, muda para a Rua Voluntários da Pátria, 329/806. Botafogo. Nomeado Chefe da Subdivisão de Propaganda do IBGE.

1950- Publica **No tempo de Paula Nei**, pela Saraiva, SP. Prêmio Carlos de Laet, da ABL, em 1949. Edição de 40 mil exemplares e 196p.. Publicado como v.25 da coleção Saraiva, dedicado a Raul Pederneiras e a Paula Nei Filho, o livro reconstitui com fidelidade a vida do jornalista Francisco de Paula Nei, ou Paula Nei, como era conhecido, cearense que desembarcou no Rio, a capital do país, em 1877, para estudar Medicina. Reprovado no curso, tornou-se jornalista, um dos mais importantes de sua época, amigo de Olavo Bilac e de José do Patrocínio,

tendo convivido com os principais escritores de sua época, fundadores da ABL. Por não ter deixado livro publicado, a memória de Paula Nei se perdeu com o tempo, brilhantemente recuperada nessa obra do autor, em que reconstitui, magistralmente, o tempo e o contexto vividos pelo biografado.

Capa do livro

No tempo de Paula Nei, 1950, Saraiva.

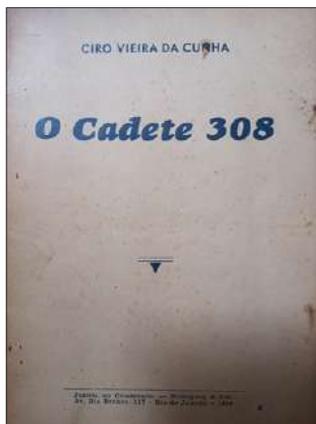
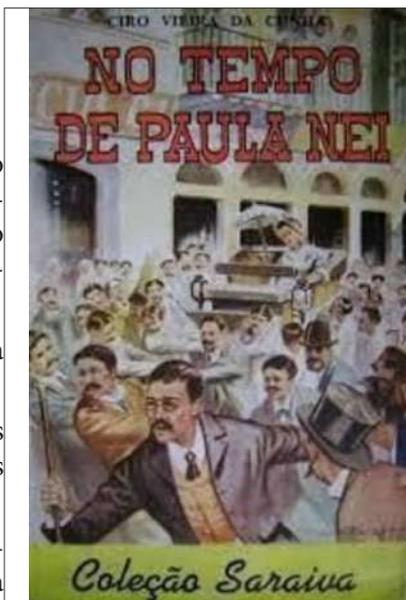
1951- Obteve o 1º lugar no concurso de sonetos promovido pela Comissão Organizadora do IV Centenário de Vitória como o poema “No Moscoso, ao luar...”

1951- 1959- Redator-chefe da revista **Brasil Rotário**.

1954-1974- Publica crônicas diversas no jornal A GAZETA sobre temas capixabas diversos.

1956- Prefacia “Medicina e Remédios do Espírito Santo”, de Maria Stella de Novaes. 2ed. 1964.

1956- Publica **O Cadete 308**. Opúsculo de 24p., publicado pelo Jornal do Comércio, é um ensaio bastante bem documentado, com citação de muitas fontes, sobre um episódio ocorrido com Euclides da Cunha, quando era cadete do Exército, em novembro de 1888, quando a Monarquia se exauria e a República se aproximava. Em uma visita do Ministro da Guerra, Tomás Coelho, à Escola Militar, ocorreu um protesto da cadete 308, Euclides da Cunha, em favor da República. Diante das controvérsias do fato, o autor recorre a várias fontes para esclarecer, realmente, o que ocorreu.



1959-1962- Assessor do Sindicato dos Médicos, da Sociedade Brasileira de Cardiologia e do Colégio dos Cirurgiões.

1960- Publica **No tempo de Patrocínio**. 2 v. São Paulo. Nessa obra, o autor reconstitui a vida e a obra do notável jornalista, poeta e principal abolicionista brasileiro, José do Patrocínio, filho de Justina Maria do Espírito Santo, mulher negra e quitandeira e do padre João Carlos Monteiro. Nascido em 1853, herdou a pele escura da mãe, o que lhe trouxe a discriminação da sociedade racista de sua época. Indo para o Rio estudar Medicina, só conseguiu fazer, a duras penas, o curso de Farmácia, que nunca exerceu. A profissão em que angariou o respeito da sociedade da época foi o Jornalismo, em que lutou, arduamente, pela abolição da escravidão, só efetivada em 1888. No v. 2, o autor contextualiza o período turbulento do início da República e a perda de prestígio de Patrocínio, cujos últimos se passaram na execução de um balão, que nunca ascendeu ao céu. Antes, Patrocínio fora deportado por críticas a Floriano para os confins da Amazônia, em Cucuí, onde quase morreu de doenças tropicais. “Afundado numa casa humilde de subúrbio, aí divide as horas escrevendo artigos para *A Notícia* e *O País*, dando aulas a crianças pobres da vizinhança, jogando cartas com o filho, conversando com amigos que, de longe em longe, por lá aparecem”. “O Tigre da Abolição” morre, vítima de ruptura de aneurisma da aorta, em janeiro de 1905. Seu féretro foi acompanhado por antigos amigos e ex-escravos, que o levaram à última morada no Cemitério de São Francisco. Dele disse Lopes Trovão, no sepultamento: “Homens há que não morrem. Este é dos que hão de viver eternamente... Tu vais com todas as injúrias que te fizeram. Não te compreenderam!”. No entanto, um seu companheiro de imprensa, Medeiros e Albuquerque, no mesmo jornal em que Patrocínio escreveu até a morte, assim se referirá ao grande abolicionista: “Patrocínio, que era precisamente um dos centros do agrupamento da rapaziada da época, sempre me causou grande nojo, mesmo físico. Aquele negrão gordo, com uma cara empapuçada de alcoólico, um modo de andar acanalhadamente, nunca me agradou. (...) Foi um homem de grande talento, mas torpe e venal”. Tal era (e é) o racismo visceral disseminado na sociedade brasileira.

1960-1- Participa das discussões para a criação do curso de Medicina da futura Ufes.

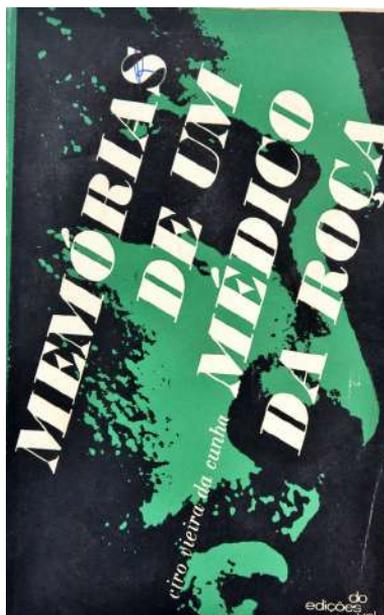
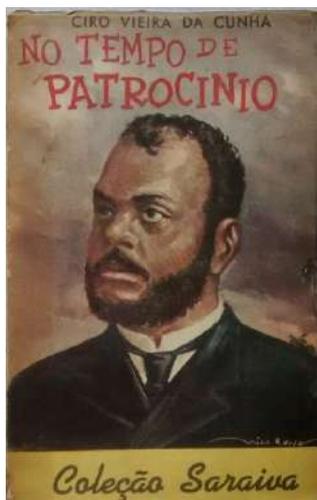
Capa do livro **No Tempo de Patrocínio**, 2v., publicado em 1960, pela Ed. Saraiva.

1963- Trabalha na Secretaria Geral de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal, como Secretário. Também era redator-chefe do Serviço Rádio Executivo Nacional e Promotor de Programas da Rádio Rural.

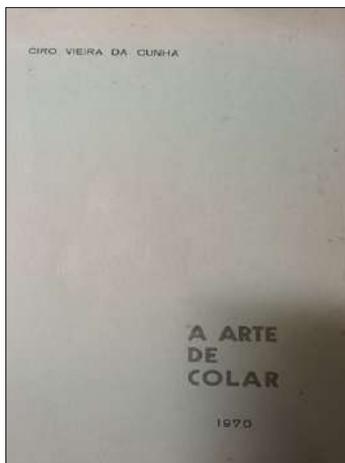
1964- Trabalha como assessor do Sindicato dos Médicos, Redator no Ministério da Educação, Redator do Brasil Rotário, Redator da Sociedade Brasileira de Gastroenterologia, 2º Secretário do Conselho Regional de Medicina, redator do SINMED e do Boletim do Museu de Armas. 1964-1971- Secretário particular do Ministro da Saúde, Dr. Raimundo de Brito.

1965- Publica **Memórias de um médico da roça**. Rio. Ed. do Val. 166p.

Numa linguagem simples e agradável, o autor recorda passagens pitorescas de sua experiência de clínico em uma vilazinha de trinta casas, sem água encanada e sem luz elétrica, alinhando lembranças de sua vida de estudante numa pensão na Lapa, nos fins da Primeira Guerra Mundial. O tempo da narração vai de 1915, quando inicia sua Faculdade de Medicina a 1932, quando desiste da profissão de médico. Estilista sem pedantismos, espírito alegre e irônico, chega, às vezes, à mordacidade ao relatar circunstâncias políticas e sociais com que convive. Uma obra-prima de memórias.



1970- Publica **A arte de colar**. Trata-se de crônicas memorialísticas e irônicas de seu tempo de estudante de Medicina e de professor sobre a arte de “Colar(bras.)- copiar nas provas escritas dos exames sem que o lente ou examinador o perceba”, conforme o Pequeno Dic. Da Língua Portuguesa.



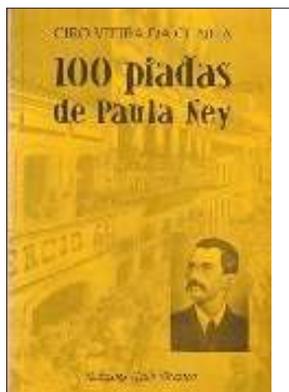
1972- Publica **Guia de Civismo**, em colaboração com Terezinha Saraiva. Brasília: MEC. A mais importante obra de instrumento ideológico do governo militar, para ser utilizada nas escolas de ensino fundamental e médio, nas aulas obrigatórias de Educação Moral e Cívica.

1976-26/06. Faleceu no Rio de Janeiro. Missas de sétimo dia foram celebradas em Vitória (02/07), na Catedral, e no Rio (03/07), na Igreja de N. Senhora da Providência.

1981- 10/12- Falecimento de Da. Ilca Vieira da Cunha, no Rio de Janeiro, aos 78 anos.



1982- Inaugura-se em Castelo, ES, onde viveu por 7 anos, a Biblioteca Municipal com o seu nome. Os filhos doam à biblioteca parte do acervo do pai. A outra parte foi doada ao IHGES.



1989- Publicação da biografia **Ciro Vieira da Cunha - Inteligência e sensibilidade**, por Theomar Jones. 88p.

2001- Publicação de **100 Piadas de Paula Ney** (Ed. Galo Branco, RJ), por seus filhos, Rui e Leda.



Biblioteca Giro Vieira da Cunha, Castelo-ES.
Inaugurada em 1982, na Praça Três Irmãos.



NOTÍCIA BIOGRÁFICA

CIRO VIEIRA DA CUNHA: PAULISTA DE NASCIMENTO, CAPIXABA DE CORAÇÃO

Nasceu na capital de São Paulo, em 1º de junho de 1897, filho de Juvenal Vieira da Cunha e de Evangelina Wagner da Cruz, tendo passado a infância em Sorocaba, terra de sua avó materna. Diplomando-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1922, logo no ano seguinte transferiu residência para Conceição do Castelo e Castelo, no sul do Espírito Santo, ali exercendo a Medicina. Sua vinda para o Espírito Santo se deu acidentalmente, quando leu, em jornal de grande circulação editado no Rio de Janeiro, mensagem contendo interesse de autoridades municipais na contratação de um médico para a Vila de Conceição do Castelo (Castelo – ES). Aceitou o convite e naquele Distrito de Castelo teve que vencer dificuldades até como o de alugar imóvel residencial num local onde, em 1923, não havia energia elétrica nem água encanada. Em 1925, transferiu-se para Castelo, onde permaneceu por 7 anos. Casado com Ilca Vieira da Cunha, lá nasceram seus dois filhos: Rui e Leda. Em Castelo, elegeu-se Vereador em 1929 — 1930, fundou e dirigiu o jornal “A Hora”, com seu primeiro número circulando no dia 16 de novembro de 1930, iniciando ali uma atividade que iria no futuro substituir sua atividade como médico. Abandonando a profissão de médico, e, definitivamente, a política, radicou-se, a partir de 1932, em Vitória, para ser professor e gestor público.

Na capital espiritosantense, onde viveu os anos mais produtivos de sua vida, dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Além de médico, **Ciro Vieira da Cunha** foi professor, poeta, biógrafo, cronista e, principalmente, jornalista. Foi redator-chefe do **Diário da Manhã**, colaborador de **A Gazeta**, em cujas colunas, publicava crônicas diárias. Colaborou, ainda, em outros órgãos da imprensa capixaba, nos jornais **A Tribuna**, **Folha do Povo** e nas revistas **Vida Capixaba** e **Canaã**. Foi eleito para a Academia Espírito-santense de Letras em 1938, sendo o primeiro ocupante da cadeira 25, cujo patrono escolhido por ele foi o escritor cachoeirense Antônio Vieira da Motta.

Foi Diretor e professor catedrático de Português na Escola Normal Pedro II, tendo lecionado em outros educandários de Vitória. Na vida burocrática, desempenhou repetidas funções de relevo, tais como: Diretor do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), Secretário de Estado (Saúde e Educação) e Interventor do Estado por um breve período, em 1946. Presidiu a Associação Espíritosantense de Imprensa. Passando a residir no Rio de Janeiro, foi secretário do Ministro da Saúde, no governo iniciado pelos militares em 1964. Oficial da Ordem do Mérito Médico. Publicou: **Pontos de Química Fisiológica**, em colaboração com Alberto Moreira, Rio, 1918; **Contra o alcoolismo no Brasil**, Rio, 1922; **O dialeto brasileiro**, tese para a cátedra de Português da Escola Normal Pedro II, Vitória, 1933; **Espera inútil**, versos, Vitória, 1933; **Oração de paraninfo**, Vitória, 1937; **Alguma poesia**, Rio, Editora José Olympio, 1942; **Sinfonia das ruas de Vitória**, versos, em parceria, Vitória, 1943; **Chuva de rosas**, versos, Vitória, 1947; **No tempo de Paula Ney**, Prêmio Carlos Laet da Academia Brasileira de Letras, São Paulo, 1950; **O cadete 308**, Rio, 1956; **No tempo de José do Patrocínio**, dois volumes, São Paulo, 1960; **Memórias de um médico da roça**, Rio, Edições do Val, 1965; **Arte de colar**, Rio, 1970; **Guia de civismo**, em colaboração com Terezinha Saraiva, Brasília, 1972. Também publicou **Aspectos da propaganda censitária**, em parceria. Rio: IBGE.1951. Em 2001, seus filhos publicaram 100 Piadas de Paula Ney, livro organizado por ele, pela Ed. Galo Branco, RJ. São ainda de sua autoria peças teatrais (comédias), relatórios, hinos (o da cidade de Vitória, inclusive), trabalhos inseridos em várias antologias. Também foi autor de diversas composições musicais, em parceria com Haroldo Eiras, gravadas pelo cantor romântico Francisco Carlos, dentre as quais: “História de um olhar”, 1951; “Nossa Canção”, 1953; “Minha Prece”, 1957; “O Luar e eu”, 1957, “Simplesmente”, 1958. Faleceu no Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1976, aos setenta e nove anos, na Casa de Saúde São José, após uma vida profícuca e laboriosa.

ANEXOS

THEOMAR JONES



CIRO VIEIRA DA CUNHA

- Inteligência e Sensibilidade -

Capa do livro biográfico sobre o autor escrito por Theomar Jones. 1989.

CIRO VIEIRA DA CUNHA

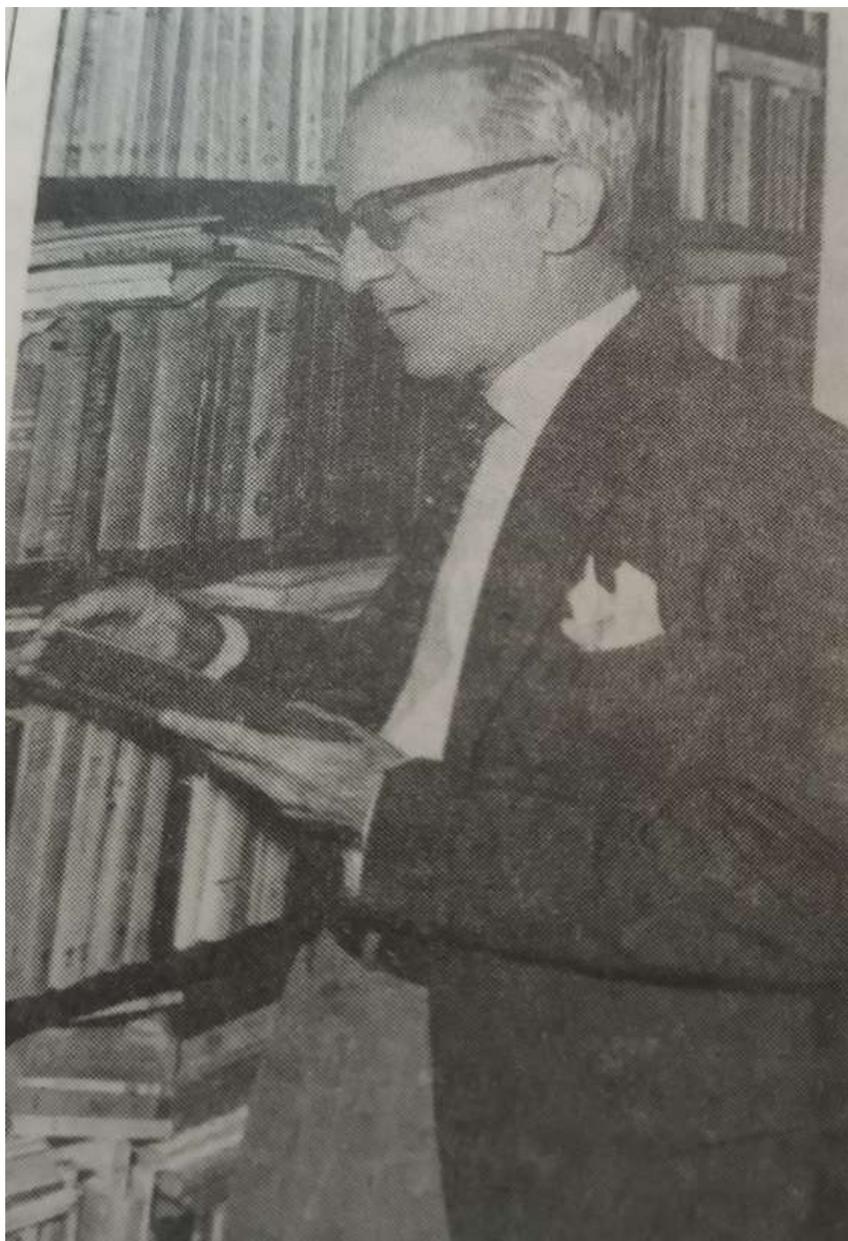
MEMÓRIAS DE UM
MÉDICO DA ROÇA

Edições do Val, Rio de Janeiro, 1965

Folha de rosto de **Memórias de um médico da roça**,
publicado em 1965 pela ed. Do Val.



Fonte: Jones (1989).



Aposentado, Ciro volta aos livros de sua biblioteca, em sua casa, no Rio. C. 1975.

Fonte: Jones



Fonte: Jones (1989).

Biblioteca Municipal *Ciro Vieira da Cunha* – Castelo

A Biblioteca Municipal “Ciro Vieira da Cunha”, inaugurada em 1982, conhecida como Castelinho, possui um acervo com mais de 13.000 exemplares de diversas áreas do saber, com um espaço dedicado aos autores municipais.

Localizada no centro urbano, é de fácil acesso, atendendo em sua maioria o público infantojuvenil. A beleza de suas formas o transformou em um dos principais cartões-postais da cidade.

O nome da biblioteca é uma homenagem a *Ciro Vieira da Cunha*, nascido em São Paulo, em 1º de junho de 1897 e falecido no Rio de Janeiro em 1976. Formado em medicina, morou em Castelo entre os anos de 1925 e 1932. Durante esse período foi médico, delegado, professor e vereador. Dedicou boa parte de sua vida às letras, sendo um dos escritores mais lembrados pelos Castelenses (Site: pmcastelo.es).

ANTOLOGIA
[POESIA]

TROVAS

Quando, a sorrir, me abraçaste,
quando, a sorrir, te beijei,
imagino o que pensaste,
pensando no que eu pensei...

No destino das palmeiras
mora um exemplo também
viver silenciosamente
sem fazer sombra a ninguém.

Meus olhos ponho em teus olhos
e pões teus olhos nos meus.
E a tristeza dos meus olhos
põe alegria nos teus...

(Trova nº 144 do livro “Meus Irmãos, os Trovadores”, de Luiz Otávio)

CIRO, O TROVADOR

Na vida, o que vale é o sonho,
mais vive quem mais sonhou...
É o sonho melhor da vida
é sempre o que já passou...

Quando, a sorrir, me abraçaste,
quando, a sorrir, te beijei,
imagino o que pensaste
pensando no que eu pensei...

No destino das palmeiras
mora um exemplo também:
— viver silenciosamente,
sem fazer sombra a ninguém...

Muitas bocas me beijaram,
muitas bocas eu beijei.
Mas o beijo mais gostoso
foi aquele que eu não dei...

Ao ver caindo uma estrela
peça tudo o que quiser...
Mas não peça cumprimento
de promessa de mulher...

Saudade tem sete letras,
sete letras — coração...
Sete letras tem o nome
de que fiz minha oração.

Meus olhos ponho em teus olhos
e pões teus olhos nos meus.
E a tristeza dos meus olhos
põe alegria nos teus...

Quando chegas sorridente,
Eu choro em vez de sorrir.
É que, no instante em que chegas,
só penso que vais partir...

Se às vezes te escrevo em versos,
não é por vontade minha.
- É que a pena, preguiçosa,
não quer ir ao fim da linha...

Entre as mulheres bonitas,
és a única perfeita,
pois Deus te fez e, sorrindo,
rasgou depois a receita...

Vitória... Terra que a gente
Nunca perde na lembrança...
Tem um gosto de saudade
Tendo o sabor de esperança.

Vitória... jardim florido
Com rosas de toda cor...
Vitória é uma flor de sonho
E também um sonho em flor...

Vitória vista num mapa
É um pontinho ligeiro...
Mas dentro do amor da gente
É maior que o mundo inteiro!

SONETOS

SAUDADE

Saudade! teu olhar longo e macio
Derramando doçura em meu olhar...
Um bocado de sol sentindo frio,
Uma estrela vestida de luar...

Saudade! pobre beijo fugidio
Que tanto quis e não cheguei a dar...
A mansidão inédita de um rio
Na volúpia satânica do mar...

Saudade! o nosso amor... o teu afago...
O meu carinho... o teu olhar tão lindo...
Um pedaço de céu dentro de um lago...

Saudade! um lenço branco me acenando...
Uma vontade de chorar sorrindo,
Uma vontade de sorrir chorando...

NATAL

Natal... Natal... meus tempos de menino,
Tempos felizes que não voltam mais...
Missa do galo... repicar do sino...
E a casa pobre dos meus velhos pais...

–

Natal ... a mocidade, o desatino,
Loucos amores, ternos madrigais...
Mulheres que dobraram meu destino
Com seus beijos marcantes e fatais...

–

Papai Noel! atende ao meu pedido,
Nesta noite de paz e de bonança,
Atende, pelo muito que hei sofrido.

–

E em meus sapatos põe a caridade
De um pedaço bonito de esperança,
De um farrapo esquecido de saudade...

SEMEADOR

Oh! semeador feliz! tua glória eu bendigo,
Nos momentos de dor e nas horas de acalma,
Porque, embora a procure, e muito, não consigo
Uma glória encontrar que à tua leve a palma.

Abrindo as mãos ao vento e derramando trigo
Em sementes de luz, tens um gesto que acalma
Na promessa do pão, as ânsias do mendigo,
Na certeza da hóstia as aflições da alma...

Em teu gesto sereno há um canto de vitória,
Um bocado de sonho e um bocado de prece,
A flor de caridade e o sorriso da glória...

Semeador! teu exemplo eu terei na lembrança.
E darei, na cartilha, o pão que fortalece,
E darei ao que sofre a hóstia da esperança...

O U T O N O

Qual si quisesse a solidão da estrada
sentir, ao fim da estrada percorrida,
páro, um momento, de alma iluminada,
e alongo os olhos para minha vida . . .

Que vojo? Uma esperança mal sonhada
que tive ás mãos em ansia dolorida:
em cada sonho, um desengano, em cada
beijo sonhado, uma ilusão perdida . . .

Tanto que andei e percorri um deserto:
não tive o beijo que senti tão perto,
não tive o sonho que pensei sonhar . . .

E' que, na vida amarga de um artista,
ha sempre um sonho que fugiu de vista,
ha sempre um beijo que ficou no ar . . .

CIRO VIEIRA DA CUNHA



CASTELO

A cortina das nuvens se desata
Deixando a lua fria se mostrar...
E Castelo parece que é de prata,
Com orquestras divinas pelo ar...

Vai passando lá fora a serenata:
Choram violões molhados de luar...
E me aperta uma ânsia que maltrata,
Uma ânsia infinita de chorar...

Por essas noites brancas de jasmim
Saudade enorme no meu peito erra...
Mas que bom fora só te ver assim

Dos teus luares ao estranho brilho
– Ó terra estranha e minha própria terra
Que és a terra dourada de meu filho!

DESPEDIDA

Vou partir. Vais ficar. E, dolorosamente,
maldigo o teu amor, no anseio de te amar.
Quem parte, meu amor, é quem mais sofre e sente
uma vontade imensa e intensa de chorar...

Vou partir. Vais ficar... E, alucinadamente,
penso no teu sorriso e penso no teu olhar...
Nunca mais poderei, amoroso e contente,
beijar a tua boca e os teus olhos beijar...

Meus dedos, nunca mais, em mágicos desvelos,
sentirão o calor de tuas mãos de santa,
nem o calor feliz de teus lindos cabelos.

Nunca mais... nunca mais... E choro, comovido,
na saudade de alguém que os meus olhos encanta,
a tristeza de alguém que vai ser esquecido...

DESPEDIDA (?)

*“No fundo dos sentidos inda eu trago
a forma, o cheiro e a cor do nosso ninho,
daquele quarto azul – um céu de arminho
do perfume do ar – longínquo e vago...*

*Ansiava que chegasses pelo vinho
de teu beijo... a doçura de um afago...
e pela mansidão de teu carinho
– leve vôo de graça a flor de um lago...*

*Partiste, rubra flor de meu desejo,
e em cada canto de teu ninho espouca
a saudade infinita de teu beijo...*

*Mudou-se o lago azul em mar de escolhos...
e os beijos que plantastes em minha boca
brotam-me em lírios brancos pelos olhos...*

ÚLTIMA PÁGINA

Qual se quisesse a solidão da estrada
sentir, ao fim da estrada percorrida,
paro, um momento, de alma iluminada,
e alongo os olhos para minha vida...

Que vejo? uma esperança mal sonhada
que tive às mãos em ânsia dolorida!
em cada sonho, um desengano, em cada
beijo sonhado, uma ilusão perdida...

Tanto que andei e percorri um deserto:
não tive o beijo que senti tão perto,
não tive o sonho que pensei sonhar...

É que, na vida amarga de um artista,
há sempre um sonho que fugiu de vista,
há sempre um beijo que ficou no ar...

CANÇÕES

MINHA TERRA (CANÇÃO CAPIXABA)

Letra: *Ciro Vieira da Cunha*
Música: *Henrique Wanzeler*

Desta terra sem par a grandeza
O meu canto não diz nem traduz:
São cachoeiras de força e beleza
São montanhas cobertas de luz.

Uma terra de tanta riqueza
Não existe no mundo outra igual.
Minha terra é uma linda princesa
Que merece o maior madrigal.

Coro

Minha terra que é bem brasileira
Não é norte, nem centro, nem sul.
É o retrato da nossa bandeira
No amarelo, no verde e no azul.

Terra linda que fazes perfeito
Este céu rebrilhando em anil,
Se já és a maior no meu peito
Hás de ser a maior do Brasil.

Bis

Terra boa, feliz, poderosa
Nas riquezas do solo e do mar,
És Anchieta na prece gloriosa
És Domingos Martins a lutar.

Terra linda que fazes perfeito
Este céu rebrilhando em anil,
Se já és a maior no meu peito
Hás de ser a maior do Brasil.

Bis

HINO À VITÓRIA

Vitória... Terra que a gente
Nunca perde na lembrança...
Tem um gosto de saudade
Tendo o sabor de esperança.

Vitória... Jardim florido
Com rosas de toda cor...
Vitória é uma flor de sonho
E também um sonho em flor...

Vitória vista num mapa
É um pontinho ligeiro...
Mas dentro do amor da gente
É maior que o mundo inteiro.

Vitória... Contos de fadas
Que faz a gente sonhar...
Vitória é um beijo do céu
Nas ondas verdes do mar.

Vitória, estrela bonita
Brilhante num céu azul...
Tem o encanto do Norte
Tendo as belezas do Sul!

COMENTÁRIO DE JOSÉ VICTORINO AOS POEMAS DE CIRO V. DA CUNHA

“Eu já deixei de fazer versos. Estou livre de visitar a Praia Vermelha por motivos forçados. O Cyro mostrou-se tão compadecido que até faz a gente ficar desconfiado. Desconfiado de tão repentina mudança. “E darei ao que sofre a hóstia da esperança...” Muito bem! Linda frase! Vou até aproveitá-la para o “Círculo dos Amigos de Marden”. Estou até arrependido do juízo que fazia do Cyro. Julgava-o libertino como todos os poetas. Meu Deus! Como o tempo muda! O Cyro num momento de tristeza: “Nada tive de tudo quanto quis, Tenho apenas o orgulho de ser triste E a glória imensa de não ser feliz”... O Cyro sensual: “Neste anseio de amor em que flamejo Espero a merecida recompensa Na volúpia vermelha de seu beijo”... O Cyro alegre e satisfeito: “Nossa vida era bem um céu aberto, Céu resumido numa ânsia louca... E eu tinha aquele céu de mim tão perto, Pois trazias o céu em tua boca”... E agora se nos apresenta o Cyro profeta, regenerador incansável da humanidade... Os principais sonetos de sua autoria são: “Ciúmes”, “Glória”, “Perfume”, “Papá Noel”, “Rosa de Amor”, “Saudade”, “Calvário”, “Noite de Insônia”, “São João”, “De Volta”, “Teu Olhar”, “Esperar”, “Tortura Gloriosa”, “Versos de um Pierrot”, “Ninho Abandonado”, “Cirandinha”, “Por muito te querer”, “Cocaína”, “Gladiador de Sonhos”, “Era uma vez...” e “O Poeta”. (In: José Victorino. **Poetas Capixabas**. Antologia. 1934.).

VIEIRA DA CUNHA – POR LEVY ROCHA

No cenáculo literário capixaba, três poetas se confundem com o mesmo sobrenome de Vieira da Cunha. Não me deterei no contemporâneo Dr. Ciro, espírito-santense aditivo, autor de “Espera Inútil” e poesias várias, que começou



como médico e jornalista no Castelo, foi professor, por muito tempo, em Vitória e tendo-se fixado, por último, no Rio de Janeiro, não desprezou as colunas dos nossos jornais.

Pela ordem cronológica, lembrarei o Dr. Belisário, poeta que escrevia com o pseudônimo de Phídias. Veio ele para o nosso Estado ainda moço e aqui clinicou até a idade de 72 anos, quando faleceu, deixando uma centena de poesias esparsas. Foi poeta de pulso. Na fazenda Prosperidade, município de Cachoeiro, reunia uma plêiade de intelectuais cujos ouvidos fazia vibrar, com os acordes da sua afinada lira, pontificando os poetas cachoeirenses, hoje quase soterrados nos jornais velhos, que a traça e o descaso tomaram a incumbência de fazer desaparecer: João Mota, Mário Imperial e Benjamim Silva.

Na dita fazenda, era feito o panfleto lítero-político “Martelo”. Tive em minhas mãos um exemplar desse jornal, emprestado para figurar numa exposição, em Vitória. O Livreiro Luiz Semprini alentou-me com a promessa do presente de alguns números, bem perdidos no entremeio das suas gavetas de papéis.

Não sei que processo empregava Antônio Belisário Vieira da Cunha (filho do Dr. João Belisário), ao imprimir tal panfleto, todo por ele desenhado. Com gesso, cera ou parafina, o certo é que conseguia exemplares nítidos, nas cores roxa e azul, do papel carbono. As suas “charges” assinadas: A. Vieira, ou V. da Cunha, evidenciavam um traço seguro e irônico, de caricaturista capaz de brilhar nos centros mais cultos.

O livro do Prof. Domingos Ubaldo, mandado imprimir pelo prefeito Francisco Alves de Athayde, reproduz uma caricatura que é excelente prova

de qualidade: “o maior coco da Bahia”. Tão expressiva que Herman Lima a selecionou para figurar na capa do álbum de caricaturas de Ruy Barbosa, editado pelo Ministério da Educação. Em página fronteira ao “coco” do Ruy, o Prof. Domingos publicou o retrato do autor, intercalado no texto de um trecho da introdução de um discurso que ele havia pronunciado no Centro Espírito-Santense, em cujas primeiras palavras declarava a sua naturalidade capixaba. Faltava acrescentar que era filho das plagas itabirenses.

Procuo, quase em vão, em nossos livros e revistas, a trajetória do conterrâneo, que foi firmar-se no jornalismo carioca, colaborando no matutino “A Nação” e movimentando as oficinas tipográficas: Vieira da Cunha & Cia., na rua da Alfândega, 182, onde editou, com Caio de Melo Franco e o desenhista Correia Dias, a revista “Apoio”, de arte, literatura, crítica e ciências.

Era a continuação do ideal forjado pelo grupo da fazenda Prosperidade, que a 8 de setembro de 1910 imprimiu, em Cachoeiro, o 1º número de “Álbum”, revista literária bimensal, “modelada — segundo observação de Atilio Vivacqua no gênero de “Les Decadents”, cujos exemplares o culto capixaba Bernardo Horta remetia religiosamente da Metrópole”.

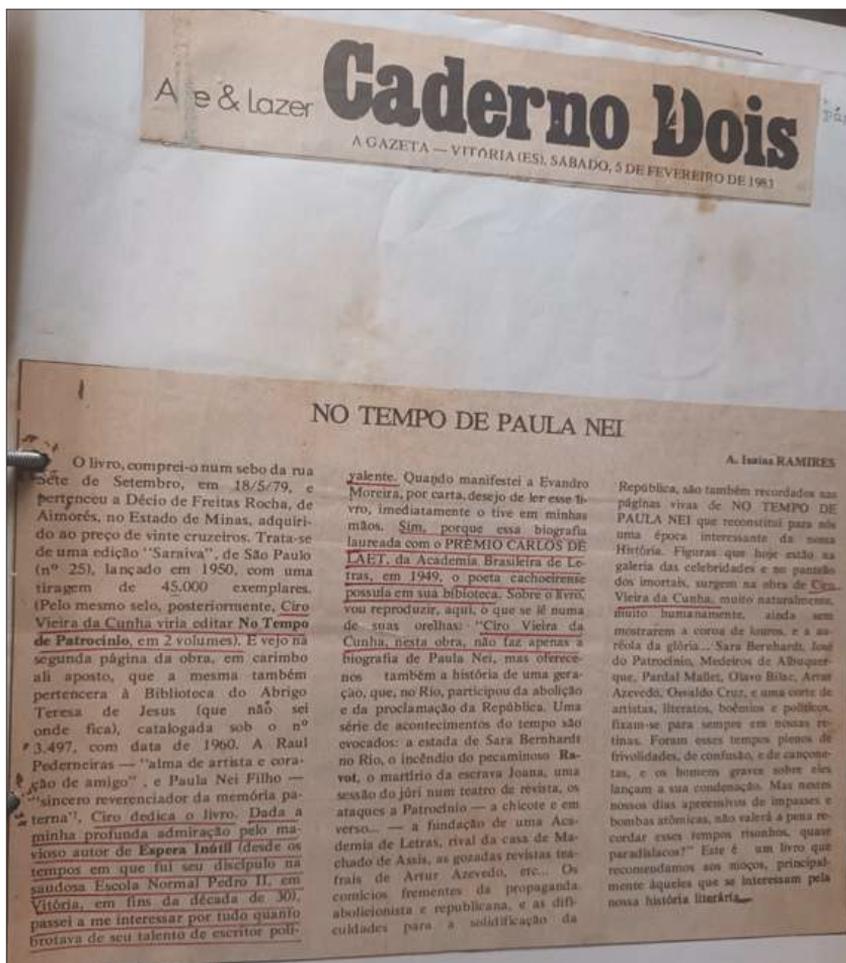
Dir-se-ia que o pujante grupo representativo dos nossos maiores poetas firmara um propósito de não se perpetuar em livros, propósito só quebrado por Benjamim Silva, sob a força e decisão dos amigos, responsáveis pela edição do “Escada da Vida.”

Quão singular e estranho me parece o destino que me fez chegar às mãos o exemplar desse livro, com a dedicatória: “A Vieira da Cunha, velho amigo e companheiro de infância, com um abraço do Benjamim”. Acaso idêntico levou-me a outro livreiro, onde consegui adquirir seis números, creio mesmo que a coleção completa, da revista “Álbum”, espólio do falecido Vieira da Cunha...

Pondo à parte o egoísmo, copiei a conferência “Terra Natal”, que João Mota pronunciou na Prefeitura de Cachoeiro, a 7 de setembro de 1910, estampando-a em três números de “Álbum”, e a fiz publicar na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Espírito-santense.

Algumas poesias de João Mota, do Dr. Belisário, de Narciso Araújo e, inclusive, o soneto “Sonhos em Revoada”, uma das primeiras produções de Benjamim Silva, dão a constante da revista, escrita pelos maiores incentivadores das musas cachoeirenses.

Fonte: Crônicas de Cachoeiro, 1966. Compilação: Walter de Aguiar Filho.
Publicada em 18/07/2016 por Morro do Moreno.



Artigo de Isaias Ramires sobre o livro de Ciro Viera da Cunha. 1983.

Uchoa de mendonça

Vítimas do Estado Novo

Circunstâncias especialíssimas nos levam hoje a relatar os episódios que envolveram nosso pai, o velho Mesquita Neto (José de Mendonça) e o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda — DEIP, órgão vinculado ao famigerado DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), criado pela ditadura do Estado Novo, de triste memória, e sob a presidência do sr. Getúlio Dornelles Vargas.

A jornalista de A GAZETA, Maura Fraga, sob o título **Documentos mostram a atuação do DEIP no E. Santo**, transcreveu documentação onde pode-se ver até que ponto foi a censura neste país sob os auspícios do Governo fascista do sr. Getúlio Vargas e que tinha na chefia de polícia o sr. Felinto Muller, que fazia tudo o que mandava o sr. Lourival Fontes, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República e diretor-geral do DIP.

Nosso silêncio a respeito da minúcia dos fatos estava vinculado a uma questão muito pessoal e, hoje, vindo à tona da maneira que veio, ficamos na obrigação moral de prestar a quem nos lê as explicações que levarem o velho Mesquita Neto a silenciar, depois na democracia, dos aspectos totalitários e as violências que muito prejudicaram sua família.

Com o fim do Estado Novo, a situação da tipografia em que nosso pai editava o jornal **O Norte**, em São Mateus, era a pior possível e, em tais circunstâncias, ele foi obrigado a vendê-la para Cachoeiro de Itapemirim, indo para o Rio de Janeiro, onde passou dois anos, vindo depois para Vitória, a convite do sr. Elcísipo Cunha, então o maior acionista de A GAZETA, para ser seu redator-chefe (era diretor o sr. Olímpio de Abreu) e, entre os redatores, estava o sr. Cirio Vieira da Cunha, que fora Diretor Geral do DEIP e, consequentemente, responsável por toda perseguição, prisões e outras atitudes contrárias à liberdade de imprensa defendida pelo velho.

Com seu ingresso em A GAZETA, companheiros como Eurico Rezende, Manoel Botti, Edgard Gomes Feitosa, Genebaldo Rosa e outros procuraram fazer aproximações entre Mesquita Neto e Cirio Vieira da Cunha, quando confessou as pressões que recebia para proceder às perseguições, mostrando-se arrependido, etc.

O episódio mais dramático de toda a perseguição da polícia e do DIP do sr. Getúlio Dornelles Vargas contra nossa família foi, sem dúvida, a relacionada com a morte do modesto proprietário rural Constante Justino, que se enforcara em virtude da pressão do fisco, provocando então a publicação de um comentário sob o título **Um Suicídio**, onde relatava a dramática situação do ruralista.

E forçoso acrescentar que começamos a trabalhar em jornal aos cinco anos de idade, como vendedor e entregador do produto produzido pela tipografia de nosso pai, passando depois para impressor, tipógrafo e repórter, até que ele se fechou pela ação do DEIP.

Sinceramente que a publicação do trabalho de Maura Fraga em A GAZETA domingo nos surpreendeu, porque preferíamos deixar o fato esquecido em razão da amizade que se formou entre nosso pai e Cirio Vieira da Cunha e, naturalmente, por estar ele e Amalio Finamore, então delegado de Ordem Política e Social, também morto e sem poderem responder às nossas observações sobre as arbitrariedades que praticaram em São Mateus sobre quem zelava pela integridade de uma coletividade que vivia amedrontada por perseguições as mais estúpidas e, mesmo sendo brasileiro e tendo nome estrangeiro, era um motivo de suspeita por parte de um Governo que antes de 42 era a favor da Alemanha e, depois, passou a ser a favor dos Estados Unidos.

Lamentando a publicação de A GAZETA, perfeita aliás nos mais variados aspectos, somos forçados a relatar episódios da censura imposta pelo DIP e que não fizeram com que se acovardasse aquele que nos deus a vida e de quem nos orgulhamos de ter sido um dos espécimes mais raros que vieram ao mundo, quando os lumens eram homens.

Continua amanhã

uchôa de mendonça

Vítimas do Estado

Novo (2)

Na rua Dr. Moscovo, n.º 13, em 1942, na cidade de São Mateus, estava localizada uma tipografia onde era editado, desde 1924 o jornal O Norte, que antes fora empastelado por ação de comunistas e na ocasião atravessava sérias dificuldades em virtude da pressão exercida pelo DEIP — Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda.

Partidários do sr. Gentílio Vargas diziam que o jornal estava proibido de circular, tinha censura, e quem fosse apanhado com ele à mão poderia ser preso pelo então delegado Iran Cardoso.

Foi em princípio de 1942 que a cidade tomava conhecimento do falecimento de um modesto ruralista, Constante Justino, que se enforcara, deixando viúva e filhos no mais completo abandono. Ninguém desejava falar a respeito do fato que motivara a tragédia, mas um suíço residente na serra do Horatório, Fridolino Braga, contara o fato com minúcias: Constante Justino se suicidara em virtude da perseguição fiscal, da forma arbitrária de se cobrar imposto no Brasil.

O coletor, Arquimino Mota prendera o cavalo de Constante Justino, carregado de bananas e o vendera para, com o resultado da venda, pagar impostos territoriais atrasados.

De volta à casa humilde, o produtor se viu azucrinado pela mulher, que reclamava a venda do único animal que tinham e, sem ele, como levar a produção à cidade? Que fazer com os filhos com fome? Foi assim que o abuso da autoridade levava Constante Justino à morte, e seu corpo foi achado dias depois em virtude da ação dos urubus.

Com o fato, o velho Mesquita Neto escrevia comentário no seu jornal O Norte, sob o título "Um Suicídio", onde relatava o episódio e afirmava que no Interior o pobre comia mamão com farinha — farinha, quando Deus dá — e mamão porque nasce atos, e que as autoridades federis ignoravam o que se passava no Interior do Brasil.

Foi o bastante para que, às 11 horas, aproximadamente, surgiu nos céus de São Mateus um avião monomotor e, mais ou menos às 12 horas, na hora do almoço, batia à porta da rua Dr. Moscovo n.º 13, um soldado de fuzil às costas, dizendo ao sr. Mesquita Neto que o sr. Iran Cardoso mandara buscá-lo preso.

Instalou-se então o inquérito, sob a presidência do sr. Ciro Vieira da Cunha, que exercia as funções no Estado de diretor-geral do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) e que fiscalizava e impunha a censura aos jornais do Estado.

Após as formalidades gerais, o sr. Ciro Vieira da Cunha afirmou que o jornalista provinciano estava incitando o povo a não pagar impostos e exigia que formalizasse quem teria sido o autor da denúncia do suicídio de Constante Justino, por questão de impostos. Negou-se peremptoriamente a fazê-lo e foi ameaçado de ser fichado como comunista. prontamente recusou-se a indicar o nome do informante, nem muito o fez, porque era uma indignidade revelar a ninguém. Foi quando veio em auxílio do sr. Ciro Vieira da Cunha o delegado Amulio Simons, que amarrava o velho com a cadeia de prisão, mostrando, nos seus braços, a

Depois de muitos risos e do sr. Ciro Vieira da Cunha mandar o sr. Amulio Simons ficar calado para não dizer mais bobagens, propôs o diretor-geral do DEIP a mandar uma nota oficial para ser publicada no jornal O Norte, na primeira página.

Efetivamente, dias depois, o sr. Ciro Vieira da Cunha mandava uma nota, mas não oficial do DEIP a respeito do fato, mas uma nota que era de responsabilidade do dono do jornal, desmentindo inteiramente todas as informações anteriormente divulgadas, num dos processos de desmoralização e humilhação sem precedentes de toda a história.

(continua amanhã)

uchôa de mendonça

Vítimas do Estado Novo (3)

Vivia-se no Brasil sob o mais severo regime ditatorial que se podia imaginar e, como todas as autoridades, o sr. Ciro Vieira da Cunha imaginava que o jornalista Mesquita Neto, lá do interior, diretor do jornalco **O Norte**, um cagarolas qualquer, publicaria no ato a sua nota de desmentindo como de sua autoria e dava como encerrado o mais lastimável episódio da forma totalitária de se cobrar impostos.

A nota que mandara o sr. Ciro Vieira da Cunha, tinha o seguinte teor (e não foi publicada): A propósito de artigo publicado na última edição desta folha sob o título "Um Suicídio" cumpre-nos esclarecer que o sr. José Mendonça, redator deste jornal, fez as seguintes declarações: que escreveu o referido artigo sem o menor intuito de ofender às autoridades ou de menosprezar as leis; que não afirmava, nem pode afirmar que **Constante Justino se enforcou devido ao imposto territorial**; que tal coisa disse em seu artigo porque lhe contaram o caso, não lhe sendo dado, entretanto, lembrar-se quem lhe forneceu a informação; que acredita haver esse informante partido de algum descontente, desses que vivem, por qualquer motivo, a achar que o Governo está agindo mal, sem examinar o caso com imparcialidade; que não sabia mesmo se Constante Justino era devedor de qualquer quantia às repartições arrecadoras do Estado, ou se estava intimado a pagar qualquer imposto; que no parágrafo em que alude a alguém e no que se refere ao sr. F. B. (que era Fridolino Braga) trata-se em ambos os casos, de **simples literatura para encher a coluna**; que todos os seus escritos, como o "Um Suicídio", são assinados com o pseudônimo de Mesquita Neto".

Conforme relata Maura Fraga no seu trabalho, no dia 26 de fevereiro de 1942, expediu-se uma determinação no sentido de que fosse suspensa a publicação da folha por falta de cumprimento do artigo 8º do decreto-lei número 1.949, de 30 de dezembro de 1939 — ou seja, a não publicação da nota oficial do DEIP.

Efetivamente, no dia 15 de fevereiro o jornal **O Norte** circulava pela última vez mas, na sua primeira página trazia o seguinte comentário assinado por Mesquita Neto:

— **Prezado Leitor:**

— Conta-se que o Santo Tomaz de Aquino, quando fazia seus estudos em Paris, aconteceu uma vez, em meio à leitura, no refeitório, ter a atenção chamada pelo presidente, que lhe corrige a pronúncia de certa palavra. Sem o menor constrangimento, acelta ele, prontamente, a correção, posto que convicto de que legítima a sua prosódia e de que o presidente se enganara.

— Mais tarde, ao ser interpretado pelos discípulos, que lhe censuravam o não ter-se justificado, respondeu-lhes o futuro grande filósofo cristão: **É quase indiferente pronunciar uma palavra de um modo ou de outro; mas é de alta importância exercitar em todas as ações espírito de submissão e de respeito aos nossos superiores.**

— Ora, as autoridades afirmam que eu cometi diversos erros contra o Estado publicando **Um Suicídio**, artigo de minha autoria. Entendo que as autoridades, além de serem meus superiores na comunidade brasileira, devem saber mais do que eu; portanto, aceito, publicamente, sem discutir, o corretivo.

— Tenho errado muito. Creio que não tenho feito outra coisa na vida senão errar. Assim, para evitar novas tentações do demônio interior elimino a causa de meus erros — o jornal.

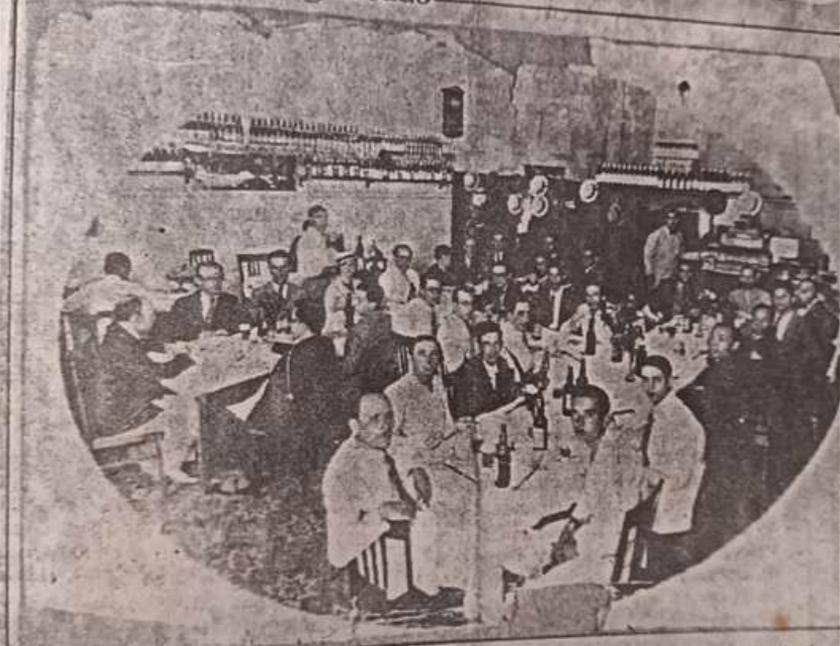
— **O Norte** não sairá mais. Está encerrada definitivamente minha carreira jornalística. O sacrifício é inútil porque já estou velho, mas a intenção é boa: "Tout passe, tout casse, tout lasse" — Mesquita Neto — (José de Mendonça).

Continua



Foto ilustrando reportagem de A Gazeta sobre a morte de *Ciro* Vieira da Cunha. 1976.
Republicado por Theomar Jones, 1989, p.49-50.

Fotos e fatos do passado



Esta foto é de 1935 e foi feita durante a comemoração do aniversário do jornal GAZETA. O local é o Restaurante Barão, que ficava na rua da Alfândega, 28. Na histórica foto estão, entre outras pessoas: Cristiano Fraga, Teixeira Leite, João Milton, rejão, Maria Quitéria Veloso Carneiro da Cunha, Heliomar Carneiro da Cunha, Ninha Belache, Heitor Rossi Belache, Paulo de Tasso Vello, Alfredo Gomes, Newton, Antônio Ferreira Coelho, Nelson Abel de Almeida, Ariobaldo Ba, Alarico de Oliveira,

Aniversário de A Gazeta em 1935.

Minha cara Mãe Moisés:

Está vai o que escrevi Álvaro Vieira

S/O trabalhos e Frossand de sair

no J B M. Um abraço.

Cherilidade, o

Júlio, 971

Bilhete ao Dr. José Moysés, 1971.

ANTOLOGIA PROSA

CRÔNICAS



Comentário livro de Ceciliano A. de Almeida

Fonte: A Gazeta, 23 mar. 1955.

Presunto, Piscina e Bicicleta

CIRO VIEIRA DA CUNHA

Segundo afirma um reporter, esse encanto de garota que é Teresinha Morango não sabe falar inglês. Do idioma de Mark Twain ela conhece apenas o que pode conhecer uma jovem ao fim do curso ginasial. Será, assim, capaz de traduzir um trecho fácil, de formar pequenas frases e de dizer *good morning* e *how are you*. Se mais do que isso, bem pouco certamente. Como, então, irá fazer o tal *speech* regulamentar, diante dos bichões que vão eleger a Miss Universo? Muito facilmente. Alguém escreverá o discursozinho. Ela o decorará. E, quando chegar a hora, mandará o improviso pra cima dos julgadores que, naturalmente, estarão mais interessados em vê-la do que em ouviria. Não haverá problema, portanto. Problema, nessa coisa de não saber inglês e ir aos Estados Unidos, só o têm os que até lá vão com poucos dólares ou sem um título de miss. Estes, sim, passam maus pedaços. A propósito, um cronista do *Correio da Manhã* recordou, há poucos dias, o caso do sujeito que passou três meses em Nova Iorque comendo presunto com ovos porque só sabia dizer "ham and eggs". Nem ao menos conheceu esse cidadão de adquirir um "Safa onça". Talvez por falta de grana... História parecida — e foi contada pelo mesmo cronista — é a do brasileiro que, em Washington, resolveu visitar uma igreja. Tomou um taxi. E, como não conhecesse a palavra *church*, juntou as mãos à altura do peito, em atitude de quem reza, e ficou descomado, confiante na inteligência do moço descomado, confiante na inteligência do motorista. Este, com um sorriso, deu que parou o carro. Andou por várias ruas, até que parou do em frente a um prédio. Repetiu o gesto do passageiro, gritou-lhe um *over here* e apontou a entrada... Sabem de que? De uma praça pública... que hoje acontece aos que se largam até aos Estados Unidos acontecia também aos que, nos velhos tempos, cruzavam o Atlântico para adquirir Paris, nas maravilhas do Louvre ou nas gostosuras do Pigalle. A tragédia era

a mesma. Se em Nova Iorque ficou aquele sujeito lá do começo desta crônica, durante três meses, comendo presunto com ovos, um houve que passou um mês em Paris e não encontrou jeito de comer dois ovos... Era meio bronco, o homem, diga-se a verdade. Bronco e sovina. Duro de soltar a nota. Tanto que, com a carteira cheia, desceu na capital do mundo e, sem conhecer patavina de francês, não se animou a contratar um intérprete. Pra que intérprete? Ele não era tão burro assim... Havia de defender-se. Tinha duas mãos, e isso lhe parecia mais que suficiente para se fazer entender. E foi contando com as mãos que entrou, um dia, no restaurante de um grande *magasin*. Olhou o cardápio. Poderia apontar um prato qualquer: E estava tudo resolvido. Mas não quis. Entendeu de comer dois ovos. E meteu mãos à obra. Partilhou-se diante do garçon, levantou dois dedos para o ar como menino de escola quando pede pra ir lá fora e, depois, espalmando as mãos e batendossas fortemente nas coxas, imitou o canto de uma galinha... Não demorou muito e lá veio o garçon... Sabem quem? Com dois gramofones... O homem, entretanto, não era de entregar os pontos com uma só investida. Saltou logo para outra. Apanhou o lápis e, no verso do cardápio, traçou duas circunferências, propositadamente mal feitas.

Era aquilo o que êle pedira. Se não fora entendido em linguagem zoológica, talvez o fôsse em linguagem geométrica. E ficou esperando. Até que o garçon voltou. Mais dois gramofones? Não. Uma bicicleta... Foi assim que esse sujeito andou por Paris e não pôde comer dois ovos... Tal sorte não terá a nossa bela Morango. Mesmo sem falar inglês, será compreendida. Mesmo sem falar francês, não lhe faltarão intérpretes. E ainda que sem estes, todos a entenderão. Quando uma criatura é bonita, não há quem não lhe entenda os pensamentos.

Crônica publicada em A Gazeta, 18 jul. 1957.

Vitória, 28 - 9 - 1957

PEDACINHOS

CIRO VIEIRA DA CUNHA

Na Inglaterra, os médicos desistiram da vacinação contra a poliomielite em favor de elementos das demais classes, numa atitude de comandantes de navio. Acham que devem ser os últimos a apanhar salva-vidas, já que estes não chegam para todos. No Brasil, alguns médicos se negaram à vacinação contra a asiática, sob fundamento de que o remédio está sendo preparado às pressas em Manguinhos. O gesto dos doutores ingleses é de pedir louvores. O dos escoteiros brasileiros é de pedir silêncio. A não ser que sobre ele, deseje o leitor dizer alguma coisa...

Em Alagôas, houve lamentável sururu na Assembleia Legislativa. Balanço: um morto e vários feridos. E' o que se sabe até agora. O autor do primeiro tiro ainda não foi apontado sem certeza. Dizem os do governo que foi um oposicionista. Dizem os da oposição que foi um governista. Virão sindicâncias e inquéritos. E, ao fim, ficará apurado que nada foi possível apurar. E outros tiros virão. E' sempre assim.

Uma jovem, destituída do mundo, meteu uma bala na cabeça. Era aluna de física. E queria estudar a velocidade no vácuo. Esse fato me traz a lembrança o que, há muitos anos, aconteceu na Escola Normal. Uma garota, aprovada em matemática, resolveu suicidar-se. Correu ao laboratório de química e ingeriu um "tóxico". Espichouse no chão e foi grita de alarinar a casa toda. Socorrida, confessou que tomara um veneno violentíssimo. E apontava o frasco em que buscara a morte: água baidi-

lada. Parece que ganhou uma reprimenda do Bezeira também...

A passagem das bondes subiu para dois cruzeiros. Foi igualada, assim, à dos ônibus. Isso quer dizer que agora brinquedo de gato (gato o que é mesmo?) vai recomprar o bonde espremendo o ônibus. O ônibus espremendo o lotação. O lotação espremendo o taxi. E e para gemendo...

Vi, ontem, ali na Freitas Bastos, uma senhora olhando um volume de filosofia. Deu-me não sei porque, a impressão da Venus de Milo olhando para um vidro de verniz para unhas...

Perguntaram — está numa revista figurava — a uma doña qual a decisão mais feliz de sua vida. E ela respondeu: — "a dos 28 aos 30 anos..."

No campeonato de futebol, 1957 está sendo francamente favorável aos clubes pequenos: São Cristóvão, Madureira, Cantu do Rio... É uma esperança para os pequenos partidos políticos. Pode ser que, nos próximos eleições, aconteça a mesma coisa. A não ser que apareça um juiz sangado e resolva suspender com todo os jogos, por tempo indeterminado. Já foi assim, uma vez...

Pensamento de um analfabeta: que mal faz eu a Deus para ter que aguentar mais uma festa? Já não me bastam as do ônibus, do elevador e do aquecedor?

Crônica feita de pequenos comentários publicada em A Gazeta, 28 set. 1957.

Gilberto Amado

CIRO VIEIRA DA CUNHA

Se nos livros de viagens, dão mais pelo episódio pessoal que os autores e intentam de que pelas páginas descritivas que apresentam, nos volumes de memórias mais me interessa o que dizem eles dos outros do que aquila que de si mesmos dizem. Nas descrições das lutas, os viajantes nem sempre espelham o que vivem, mas o que foram ou quisam ter sido. Não foi assim a viagem de Gilberto Amado, original, de um livro de viagens de um medico lusitano que andou uns meses pelos Estados Unidos. E tive que engatar longo capítulo em que a louta compara as condições da estadia da Liberdade com as do Cristo do Corcovado... Impressões de viagens? Nada disso. Apenas contornos de galimatias, por necessidade de encher papel. Nos volumes de memórias, nem sempre mostram os autor a o que foram realmente neste mundo, mas o que desejavam ter sido ou, vindo somente, pensam que foram. Os memorialistas, difficilmente se mostram sinceros. Só registram, de si mesmos, os aspectos que possam notabilizal-os ou engrandecel-os perante a posteridade. E como cada um, n esta vida, é vaidoso a seu modo ha memorialistas que buscam ficar-se como deuses da eterna juventude, como demagogos de todos os estadios, como glórias inextinguiveis em certos lideres de varias gerações. Esperam ou calculam que todos lhes tenham retido ver ingenuamente que todos lhes tenham tido visões suas as emboasca e, com isso, mereçam tido qualis. Assim, Humberto de Campos, presuppõe em passar a historia como um grande inventor, e recorre em seu talento e em sua banalidade, em suas lembranças, de refuzar os sacrificios, os sacrificios, os autografos por que sobrevive de passar. Da, em suas páginas, a impres-

ção de um anjo que, havendo vivido em um mundo só habitado por demônios. Mas a parte de Sombras que sofrem não se incompreendem e vivejas colhem pelas terras por onde passam. T ve, tambem, amigos que o adoraram, ampararam e ajudaram. Se deu com um João de Deus, que lhe negou um lugarinho na paróquia, achou-se contra-partido, um Marco Antonio que lhe levou a melhor... Que todos os memorialistas são assim... Quase todos os memorialistas são assim. Só contam da vida que tiveram a parte que pode servir ao esquema do volume em publicação. Medeiros e Albuquerque — além da grande necessidade e devoção da minha vida — se desejou, em suas memórias, mostrar que com a juventude d seu estuio, que todos sentiam e proclamavam, manteve sempre a juventude do corpo, pelo que se apraz em recordar gestões amorosas, tantas que o sobejavam a ficar de candidato aos seus cartões e a pedir que as energias no favor de alguns deus. No momento, o livro de memórias que anda em todas as mãos e o de Gilberto Amado, o último volume de uma serie. Presença na Política. Gilberto Amado, aparecevamos como jornalista no segundo decênio do século, após longo anno de retormo-nta, regressa à arena literaria para tornar-se o escritor da moda. Todos os memórias de Gilberto Amado. Todos querem autografos de Gilberto Amado. Todos escrevem sobre Gilberto Amado. Por se se vê que, nos livros, a r lida de um Estado respeito não e coisa que atrapahe o leitor, como acontece na politica. Mas registo a que diz o literato de bom do politico de outro, segundo os varios capitulo do volume. Escrevemos tambem sobre Gilberto Amado.

Crônica publicada em A Gazeta em 1958.

Afonso Cláudio

CIRO VIEIRA DA CUNHA

Nunca, mais do que nos dias que correm, tivemos tanta necessidade de reviver aos olhos dos moços figuras que, no passado, se fizeram grandes nas tarefas a que se dedicaram e nos exemplos que deixaram. Atravessamos uma época em que os jornais quase que só recebem lições de erotismo feroz, de inutilidade de qualquer esforço honesto e, sobretudo, de triste indiferença e de revoltante cinismo. Inconsciente, o que se vê por aí em todos os setores de atividades. Uma paisagem de fim de mundo num clima de fim de raça. A probidade passou a ser tida como hurrice e a sáfadagem ganhou o título de direito a manifestações. O que existia crêda da direita a manifestações e o que levava o homem a ocultar o rosto e a baixar o sono já agora o convidava a aparecer na televisão e a dormir tranquilamente como se tivesse assistido um enfermo, evitado um de-entre ou enxugado uma lágrima. Fala-se em Vitória da mediocridade. Mas, bem examinada as coisas, o que se vê é o domínio arrasante da inteligência transviada. E é num mundo assim que os jovens entram a viver. Certo que há de buscar o modelo para suas atitudes, um roteiro para os seus sonhos. E porque ninguém escolhe modelos sendo entre os vitoriosos, lá se vão os moços nas trilhas tortuosas do que recebem todas as homenagens, dos que se encontram montados nos melhores postos, dos que são os cartões em todos os setores, dos que são ouvidos por todos os repórteres... Triste, modelos para os que, ainda de coração puro, desejam triunfar. Não impressionantes as estátuas. Mas de que são feitas as pedras? Se são assim, quase na totalidade, os exemplos que por aí se mostram, há de ser tida como alta benevolência, como obra de salvação pública, a iniciativa de se oferecer aos moços rapazes a história de vidas marcadas pelo trabalho honesto e orientadas no sentido de levantamento moral. Daí a satisfação com que, das mãos amigas de Mario Aristides Freire, recebi o volume que, sobre a figura ilustre de Afonso Cláudio,

geaba de publicar a senhora Judith Freitas de Almeida Mello. Livros desse gênero é que precisam ser postos aos olhos da nossa mocidade. Na vida da grande espírito-santamente, que atua pela política, pela administração pública, pela magistratura e pelo magistério, existe, em todos os passos, a preocupação de agir com dedicação, bravura e dignidade, no cumprimento constante do dever, numa incessante luta contra Afonso Cláudio "nunca renunciando obter o que lentamente descejou" e que "sua força de vontade crescia com as dificuldades que se lhe deparavam", para concluir: "E obtive tudo quanto quis. Foi um forte, e pode dizer-se que venceu na vida". Não se pense que fala de amor filial, mas, isto sim, o espírito de justiça que do eminente pai herdou a altura do valioso volume. Se vencer na vida é atingir o ideal e a chance de distribuir o bem, por estradas retilíneas através de atitudes, atos e obras, Afonso Cláudio tem que ser incluído entre os que não venceram com babilônio e subversão. Ficou, assim, como um exemplo. E o seu exemplo precisa ser apontado a mocidade dos nossos dias, para que ela se aperceba do sentido do beleza e de amor que se deve entregar a vida. O que, rotado pela ambição e pelo egoísmo, às vezes atinge as alturas, por simbioses alambicadas, da posteridade se trata o silêncio ou a coordenação. Bem diversa a sorte das que, como Afonso Cláudio, sabem fazer de todas as horas um motivo de oração ao trabalho, à justiça e à bondade. Desse guarda o tempo — juiz sem falha, na expressão de Ruy — eterno e reverencioso modelo. Foi hoje cent anos que nasceu Afonso Cláudio. E sua vida continua sendo uma lição. Lamentosa lição que cabe de recordar nas páginas do belo livro da senhora Judith Freitas de Almeida Mello, a quem empurro recomendo, agradecendo a Mario Aristides Freire as boas horas que me proporcionou, por não ter viver um tempo em que na homenagem se parecia com os triunfadores de

Crônica publicada em A Gazeta em 1959.

Depois da jornada

CIRO VIEIRA DA CUNHA

— VII —

Tenho um amigo que faz da sopa o último prato da refeição. Diz ele que foi um jeito que encontrou para ser diferente. Nestas notas sobre a VII Jornada Brasileira de Radiologia, na primeira crônica deveria eu referir-me à sessão inaugural do congresso. Seria a ordem natural e lógica. Não o fiz, contudo. Para ser diferente, como o amigo da sopa? Não. Por ser um sujeito desordenado e desorganizado. Apenas por isso. E está explicado porque só agora estamos chegando no Palácio do Café, na noite de quinta-feira. Logo à entrada, agradáveis surpresas. Dou com o meu querido Schwab (um dos poucos homens que acreditam que só não fui um grande médico porque não quis), com o meu "afilhado" Bianco (do Colégio Internacional de Cirurgiões), com o Teófilo Costa (meu companheiro no Círculo dos Médicos), com o Alvaro Castelo (a quem conheci ainda em Afonso Claudio)... Gente da velha guarda. Mas há um jovem que se apresenta e me abraça. É o Moysés. Moço que gosta de carrear e escreve mesmo. Porque há os que gostam e não escrevem. E outros doutores vão chegando. Agora, é o doutor Raul Giuberti quem vem, para presidir a reunião. Sinto satisfação em lhe ser apresentado. De-

lho o meu voto sem conhecê-lo. Mas para votar num médico. E é numa reunião de médicos que o encontro pela primeira vez. É tempo de subirmos todos para o salão de festas. São poucas as cadeiras vazias. Arranjo um jeito de ficar entre o Schwab e o Teófilo, para somarmos dois médicos e meio, se é que valho meio médico. Forma-se a mesa. Fala Waldemar de Oliveira, de pé. Fala Cabelo Campos, de pé. Fala o presidente da Sociedade Médica do Espírito Santo, de pé. Fala o professor Duque Estrada, de pé. Fala o Governador do Estado, de pé. Só o doutor Irabussu Rocha, representante do ministro da Saúde, fala assentado. Não compreendo bem a razão dessa postura. Mas a solenidade chega ao fim e nem me sobra tempo para consultar um entendido em coisas de protocolo. Deve estar estabelecido que, em congressos de radiologia, os sanitaristas não devem ficar de pé... Segue-se o drink. Para os que gostam e podem. Como estou entre os que gostam mas não podem, busco o elevador para descer. No hall, dou com o Bianco e o Schwab. A conversa continua. Há sempre o que conversar com esses dois belos colegas. Despede-se Bianco. E Schwab vai comigo até ao Canal. Porque a noite está agradável e porque as poltronas são macias, firmamos a palestrar até às beiradas da meia-noite. Lá fora, cai uma chuvazinha implacante... E penso num homem que, estrado numa cama, deve, meio dormindo de cansaço, meio acordado de contentamento, estar zombando com anjos bonitos a lhe baterem palmas e a lhe atirarem flores. E Waldemar de Oliveira. Com razão. Porque a Jornada começou bem.

Crônica de 1959.

AFILHADOS

CIRO TIEIRA DA CUNHA

Cóisa aborrecida é a gente ser padrinho de um garoto e ele, depois de casado, dar em materialado, preguiçoso, vadio. A culpa não é do padrinho, sem dúvida. Mas que o padrinho sofre um bocadinho, lá isso sofre. Lá sempre quem exclame: "Pra que havia de dar seu afilhado?" Ou quem pergunte: "Aquê pequeno que atrou o tinteiro no professor é seu afilhado?" Se é assim com afilhado de batismo, é quase a mesma coisa com afilhado de livro. É uma tristeza a gente prefaciá a primeira obra de um escritor e o rapaz achor não dando mais nada. Ou dando péssimos volumes, caso mais sério ainda. Há sempre quem exclame: "Você afirmou que dele muito se havia de esperar!" Ou quem pergunte: "O autor de *Essas habas-lavras* é aquê que você tanto elogiou?" Não gosto, por isso, de ser padrinho. Nem de batismo. Nem de livro. Mas às vezes, não se encontra uma desculpa que sirva. Em duas ocasiões isso aconteceu comigo, diante de jovens poetas dispostos a se envolverem (que verbo horrível!). O primeiro deles era meu aluno. O outro, filho de um belo amigo da mocidade. Assim, fui padrinho de Valdir Ribeiro do Val e de Mário Augusto Barreto. Eram de versos os livros de ambos. O primeiro, embora rapazolas, era um poeta à moda antiga, deixando-se espantillar com metros e emplumar com rimas. Gostei do poeta de Espírito Santo e do poeta de Minas. Fiz a Valdir

e Mário Augusto os melhores elogios. E fiquei esperando que o tempo corresse pois só isso, em verdade, é que diria se eu achasse alguma enganara nas minhas profecias. O tempo correu. Valdir publicaria mais um volume de versos para além disso, deixou as mãos para lá. Mudou de rumo. Não pegou o caminho do romance, nem da crônica, nem do teatro. Foi a biografia que o atraiu. E ele, afundado em pesquisas como o maior conhecedor da vida de Raimundo Corrêa? Já nos deu amostra do que será a obra anunciada podendo-se a par do dia vivido pelo mestre do *Mal secreto* na Faculdade de Direito de São Paulo, em obra editada pelo Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Cultura. Fêz mais. Anotou uma edição de Raimundo e organizou, com o nome de mestre, uma exposição comemorativa do centenário de nascimento do vate maranhense. E Mário Augusto? Mercúrio em serviços de advocacia, dava a impressão de que abandonara as belas-lettras. E eu que nele depositara tantas esperanças? e seus versos lindos que faziam passar em versos mais lindos ainda? Não me enganai, contudo. Mário Augusto Barreto, segundo isto em *O Globo*, realizou pesquisas, menção honrosa no concurso de poesias com chaves de ouro da autoria de Guilherme de Almeida. Andaram por momentos os concursos. Posteriormente, até "inobediência" andaram andados no brinquedo. Quem sabe se até o nome das chaves não entrou na corrida? Mas coube a Mário Augusto uma das menções honrosas. Grande há de ser, assim, a minha alegria com esses afilhados que corresponderam às minhas esperanças. E quanto tristes mais não colharão eles!

Crônica de 1960.

Sílvio Rangel

CIRO VIEIRA DA CUNHA

Trouxe-me o gorreio, faz alguns dias, um volume do poeta Nordestino Filho. Não só de versos é feito o livro. Nele se encontram, além de trovas de bom quilate, algumas tão simples que parecem brotadas da alma do povo, apreciações críticas sobre os trabalhos do A. e subsídios para a história da Academia Cachoieirense de Letras. Deliciei-me com as trovas. Concordei com os críticos. E dei, por fim, a maior atenção à parte histórica do volume. Fácil de compreender a razão de minha preferência. É que, entre os dos patronos da Academia, encontrei o nome de Sílvio Rangel, um dos bons amigos que conseguí fazer em Castelo, durante meus tempos de médico. Eu trabalhava na farmácia do velho Rangel, onde também trabalhavam os irmãos Paulo, João e Sílvio. Paulo, dono de boa voz e incorrigível serenatista não tardou a ser levado deste mundo por insidiosa moléstia. João, que entendia de medicina mais do que muitos outros formados foi um dos grandes companheiros que encontrei na minha fase de clínico. Dele guardo inamareável saudade. Sílvio, de constituição atlética, era o administrador da botica. Era um homem de ação, embora fosse um romântico. Executava músicas clássicas ao violino instrumento que para ele não tinha segredo, e fazia sonetos líricos que pretendia reunir num volume sob o título "Canções de Beijos". Não chegou a fazê-lo, ficando seus versos espalhados por aí, em jornais e revistas. Grande pena isso me faz. O que Sílvio gostara mesmo de escrever era poesia humo-

rística. E essa faceta de sua inteligência não a vejo citada em escritos que dele tratam. Numa folha que se editava em Campos e circulava no Espírito-Santo, deixou-me admiráveis cartas rimadas, em estilo caipira. São páginas do mais alto gabarito. Chamava-se "A Evolução" esse jornal, dirigido por José Angelo, homem que vivia ameaçado de prisão, tal a violência que punha em seus artigos de poucas linhas. Por volta de 1926, "A Evolução" era toda ela escrita em Castelo, por Sílvio Rangel e por mim. O dono da folha mandávamos as notas. E nós fazíamos roncicar a madeira. Lembra-me agora a campanha que moveamos, em rimas e desaferos, contra um rancho de tropa estranhamente plantado na praça da Estação. Eram quadras e mais quadras, repetido sempre o quarto verso: "sai o galo do terreiro... e sai a espuma do mar... mas o rancho amaldiçoado... não sai do mesmo lugar... sai o Ciro da farmácia... e sai o Sílvio do bar... mas o rancho fedorento... não sai do mesmo lugar...". E o rancho, para alegria do povo, acabou indo para outro lugar... As cartas caipiras de Sílvio eram feitas ao modo e jeito daquelas do Tiburcio da Anunciação da famosa "A Careta". Deliciosas. Magníficas. Admiráveis. Seria bom que alguém as desenterrasse. "Mais umas trovas que fiz" — é o título do volume de Nordestino Filho. Deu-me alguns instantes de luminoso encantamento. E me fez recordar o maior poeta castelense. Mais não poderia eu desejar.

Crônica de 1969 em A Gazeta.

Odontologia

CIRO VIEIRA DA CUNHA

Quando, em 1932, passei a viver na Ilha, vindo de Castelo, já havia tomado uma decisão: deixar pra lá o jaleco de médico, dando novo rumo à minha vida. E fui, assim, lecionar no antigo Ginásio do Espírito Santo, que tinha Meira Quadros como diretor, e secretariar o falecido "Diário da Manhã", sob a chefia do poeta Teixeira Leite. Mal comecei a exercer minhas funções, no educandário e no jornal, entrei em conhecimento de uma brigazinha que empolgava a classe dos odontologistas, com Oliveira Pantoja e Costa Gama à frente do movimento. Dessa luta, cheia de episódios dramáticos e pitorescos, num verdadeiro pega pra capar, é que agora nos dá conta o primeiro daqueles profissionais, num trabalho que, daqui por diante, valerá como livro-chave para a história do ensino da Odontologia no Espírito Santo. A ninguém será dado tocar no assunto sem antes ir ao relato que nos oferece Oliveira Pantoja, transformado em general da longa batalha, por sua bravura e pertinácia. Foi ele o homem que nunca soube

ceder mesmo nas horas em que muitos já pensavam em entregar os pontos, deixando as coisas como estavam e que fosse, portanto, o que Deus quisesse. Porque entrara no fogo por idealismo, nele haveria de permanecer até ao fim, como permaneceu, podendo, hoje com a ajuda da boa memória que os céus lhe deram e alguns documentos que pôde conservar, recompor a caminhada que iniciou com uns poucos e acabou quase que sozinho. Bem andou o ilustre odontólogo em dar-se a essa tarefa de historiador, sem o que o tempo, que tudo consome, acabaria por apagar de todas as lembranças o que foi uma árdua peleja coroada afinal por justíssimo triunfo. Dizia o esquecido João do Rio não haver neste mundo prazer maior que o da gente poder louvar um trabalho realmente digno de elogios. E' o prazer que ora sinto ao registrar o aparecimento de "O Ensino ou Odontologia no Espírito Santo", da autoria de Oliveira Pantoja, livro cuja leitura aconselho aos jovens universitários que ingressam naquela profissão.

UM ANEDOTÁRIO — Ciro Vieira da Cunha

Uma simples piada, muitas vezes, diz mais e melhor que uma extensa biografia. Paula Ney, por exemplo, com o vasto anedotário que dele se conhece, deixou traçado, de maneira marcante, o seu perfil de boêmio incorrigível. Sem as humoradas que a memória dos seus contemporâneos conservou, passando-as prá frente, o amigo fiel de Patrocínio teria ficado sumido no tempo, sem a amais leve notícia de sua existência. É verdade que uma biografia não se faz apenas com piadas. Sem estas, porém, o retrato do biografado fica incompleto. Em certos casos, um dito de espírito define melhor o caráter ou o temperamento de um homem do que dezenas de análises e considerações, puxadas a comentários filosóficos. Sempre entendi, por isso, que se deveria fazer um levantamento do anedotário da Praça Oito, dando-se a César o que é de César na distribuição da autoria das humoradas de que tem aquele local sido paleo desde recuados tempos. Como paleo ou como centro de irradiação. E isso enquanto tudo não vai morrendo em inexorável esquecimento. Amanhã, talvez seja tarde demais. Agripino Grieco, em um dos seus livros sobre Machado de Assis, comentando velha crônica do Mestre, faz referência, de passagem, a humoradas de alta categoria atribuídas a Graciano Neves, uma das figuras mais expressivas da intelectualidade capixaba de todos os tempos. Que sabemos nós disso que nos deixou aquele que enfrentou Euclides da Cunha e Farias Brito no inesquecível concurso de

Lógica no Pedro II? O material a ser recolhido e analisado anda por aí na memória de homens já envelhecidos e em velhas coleções de jornais e revistas. O que está faltando é uma força coordenadora. Apenas isso. E essa força bem que poderia ser representada pela nossa Academia de Letras, ora presidida pelo poeta Ruy Cortes. Um trabalho fascinante, sem dúvida. Mas de pedir muita paciência e muita dedicação, para evitar que muito joio não seja tomado como bom trigo. E para impedir, sobretudo, que seja dado a César o que nunca foi de César. Larguei-me, certa vez, a colecionar 100 piadas de Paula Ney. Consegui reunir quase duas centenas. Mas a grande luta foi separar o que realmente pertencia ao boêmio cearense. Dei com anedotas que pertenciam a autores franceses e andavam por aí colocadas na boca do esposo de dona Júlia. A história é a mesma cá pelas nossas bandas.

Já dei com frases de espírito rotuladas como sendo minhas quando, em verdade, nunca sonhei em proferi-las. Mas o importante, nisso tudo, é meter mãos à obra. E é o que espero do presidente da nossa Academia, chegando a jurar que, dado por ele o sinal de partida, surgirão logo preciosos colaboradores. Aguardo, assim, a palavra de ordem daquele que conheci nos recuados tempos do falecido "Diário da Manhã". Deve ele conservar ainda o mesmo entusiasmo daqueles saudosos dias. Confio, por isso. E é confiante que espero.

À margem de uma entrevista

Ciro Vieira da Cunha

Em entrevista concedida à revista *Agora*, teve o senador Carlos Lindenberg oportunidade de recordar vários episódios da vida política do Espírito Santo, fazendo-o com a autoridade de quem viveu neles, o que valoriza ainda mais o interessante depoimento de que, no futuro, por certo se valerá algum Pedro Calmon capixaba. História contada por quem a viu da plateia é uma coisa.

Muito diferente daquela contada por quem a viveu no palco. Daí a razão por que li e reli, com atenção e interesse o que foi relatado, em linguagem simples e despreziosas, pelo ex-Governador do nosso Estado. Tem ele incomum poder de comunicação, pelo que prende os leitores tal como, em política, prende os eleitores...

Homens assim já nasceram falhados para vitórias nas urnas. Conheci um que, embora em outro estilo, após conversar meia hora, dava à gente vontade de arranjar um fuzil de ir para a rua, dando começo a uma revolução. Era Oswaldo Aranha. Foi no Rotary de Copacabana que o conheci. Alguém lhe dissera ser eu filho de pai gaúcho e mãe paulista. E como era filho de pai paulista e mãe gaúcho, achou de honrar-me com dois dedos de prosa, num canto da sala, nós ambos de cigarro em riste... Eu era governista à época. Pois bem, bastaram dez minutos de fala de Oswaldo Aranha, para eu sentir vontade de sair dali dando vivas à Oposição... Carlos Lindenberg é também um homem assim. Dele por isso se contam passagens realmente curiosas, não sei se verdadeiras ou fantasiosas, que dele fazem um mestre na arte de conquistar simpatias eleitorais. Assim, numa de suas companhias, fazendo pouso-

da numa fazenda onde estivera, fazia cinco anos, pela última vez, após perguntar, nome a nome, pelos integrantes da família, ainda acrescentou:

...e o Mimoso, como vai ele? está muito crescido? Mimoso era o nome de um boi que Lindenberg conhecera ainda bezerro... O nobre senador tinha essas coisas anotadas em um caderno que consultava antes de chegar a cada fazenda... Mas não é desse poder de sedução que desejamos cuidar a propósito da reportagem em tela e sim de uma das confissões do ilustre político: "Fizemos tudo para derrubar Aristides e conseguimos. Foi nomeado Moacir Ubirajara que não era favorável a nós mas era um homem tímido. E ele elemento do Dutra". Sobre o que aí está tenho alguma coisa a contar pois fui parte do governo Ubirajara na qualidade de Secretário do Interventor. Havendo recebido recomendação expressa de Dutra no sentido de manter-se integralmente neutro em face do pleito para governador, comecei Ubirajara por organizar um secretariado em que figurassem representantes das duas facções que lutavam pelo posto. Deste modo, nomeei dois secretários atilistas e dois carlistas, sendo cinco os secretários. Para a que sobrava a chamou a mim, que lhe fora companheiro da Escola de Medicina e não pertencia a nenhum dos grupos, pois não era político mas, tão somente, professor e jornalista.

Com esta formação instalou-se o governo que iria presidir às eleições: dois de Atílio, dois de Lindenberg e um de Ubirajara. Não havia como impedir que cada um puxasse a brasa para sua sardinha. E foi aí que, em vários instantes se fez sentir a timidez do Interventor. De tal modo queria ele manter a neutralidade do governo, temeroso de que o julgassem a favor de um dos candidatos, que acabou por de algum modo favorecer ao outro. Vale a pena recordar um fato. Um amigo particular de Ubirajara forçou, pela vitória de Atílio. E sempre que, sem comprometer as linhas do governo, lhe era possível sugerir aos secretários alguma medida pleiteada pelos atilistas ele o fazia com o maior entusiasmo. Foi assim que, certa vez, ele nos pediu que convencêssemos Ubirajara de substituir alguns prefeitos e delegados de polícia. O Interventor, em princípio, concordava com a providência mas, ao saber a origem do pedido, ficou temeroso de que, com ela, parecesse estar sendo atendida a ala anticarlista, não teve dúvida. Manteve aquelas autoridades nos postos, com o que prestou relevante ajuda aos aficcionados de Lindenberg. Era a timidez a ditar-lhe os atos. De outra feita, encontrei o Interventor aborrecidíssimo, falando até em deixar o posto, só porque um dos jornais, em manchete, anunciara que o coronel Bley iria hospedar-se no Palácio, o que efetivamente aconteceu. E ele me perguntava: "que dirão os atilistas?" E a verdade é que os atilistas até que gostaram do que ocorreu, pois o coronel Bley, naquela altura, já estava com o prestígio em declínio. O ponto mais alto, porém, da timidez de Ubirajara se fez sentir quando ele teve que escolher um substituto, por isso que, em viagem ao Rio de Janeiro, iria afastar-se da carga por vinte dias. Ficou temeroso de que, na escolha do interventor interino, se refletisse preferência por uma das alas. Não tenho outro saída, ele me disse, ou deixo o posto com um secretário atilista ou com um secretário carlista. De qualquer modo, vou ser acusado de haver ferido a neutralidade do governo! Foi então que lhe sugeri ouvir-se Dutra a respeito. Era uma tábua de salvação para um tímido obrigado a uma decisão. E Dutra foi ouvido pelo rádio. Veio a solução: se você tem dois secretários atilistas, dois carlistas e um que foi escolhido por você, não veja dificuldade: escolha para interventor aquele que você escolheu para secretário. E ficam agora, decorridos tantos anos, bem claras as razões que me levaram à interventoria do Estado. A época, em conversas da Praça Oito, inúmeras justificativas foram apontadas para a minha nomeação: que eu fora apontado por Bley, que eu fora indicado pelo ministro Capanema, que nunca me vira mais gordo, que eu fora o escolhido para conquistar a simpatia dos jornais, pois de um deles era eu redator, sendo também presidente da AEI, e até mesmo que eu tinha condições de sobra para exercer o cargo... Como se vê agora, tudo decorreu de uma decisão do presidente Dutra, em face de uma dificuldade criada pela timidez de Ubirajara.

ABNER

Por **Ciro Vieira da Cunha**

Agora, da saudosa figura de Abner Mourão, em discurso pronunciado na Academia Espírito-Santense de Letras, é que nos fala Luiz Serafim Dereenzi, engenheiro de bom quilate e historiador de reconhecidos méritos. Não nos dá um trabalho de crítica literária nem nos oferece uma análise das atividades políticas e jornalísticas a que se entregou o ilustre filho do nosso Estado. Faz-nos, contudo, irresistível convite para que fixemos Abner Mourão na paisagem intelectual de seu tempo, como editorialista que sabia escrever e escritor que sabia informar, polemizar, argumentar, discutir, opinar. E aí fica o eixo de qualquer trabalho que se queira fazer sobre o autor de tantos artigos dignos de recolhidos em páginas de uma antologia. (Mantive com Abner Mourão, durante largo tempo, a maior amizade e a melhor camaradagem. Conbeci-o num tempo em que, ainda estudante no Rio, eu nem de longe sonhava em vir a clinicar no Espírito Santo. O mestre capixaba brilhava então nas colunas de **O Palz**. Nesse jornal é que fui procurá-lo, em busca de esclarecimentos sobre o que ia pelo PRP, como desajeitado foca de uma folha dirigida por Maurício de Lacerda, pai de Carlos Lacerda. Só depois de vitoriosa a Revolução de 30 é que nos tornamos camaradas de todos os dias, em Vitória, nos bate-papos na AEL e no bar do Adolfo, sabido que, politicamente, mourejavamos em campos opostos. Foi por essa época que fiquei conhecendo bem o alto espírito do grande homem de imprensa que, todas as tardes vinha deliciar-nos com suas tiradas anatolianas e suas piadas de gosto legitimamente parisiense. Certa noite, perguntou-me ele:

— Quem vai ser sua vítima, amanhã, no sueldo principal?

— De acordo com as ordens superiores, você é quem vai entrar no porrete!

E Abner sugeriu:

— Você escreve um sueldo contra você e eu escrevo um sueldo contra mim. Depois trocamos os originais e publicamos as catilinárias. De acordo? No dia seguinte, havia quem perguntasse na Praça 8:

— Será que o Abner não vai partir a cara do **Ciro**? Será que o **Ciro** não vai partir a cara do Abner?

Não houve caras quebradas. Em compensação a **bota** fez várias voltas com **nicolasca** e tudo...

O GRANDE ACERTO

CIRO VIEIRA DA CUNHA

No último dos congressos dos médicos do Espírito Santo encontro que se realizou ao calor do entusiasmo de José Moisés — o professor Darci Monteiro, que é sempre deliciosa caixa de surpresas, convidou cada participante das reuniões científicas a contar a história de um erro praticado no exercício da profissão.

E como a justiça deve começar por casa, o nostre cirurgião iniciou a série dando conta, com humildade, das falhas em que incorreu na sua luminosa caminhada de mestre do bisturi. Não existe um só doutor que, diagnosticando, operando, receitando ou prognosticando, não tenha, aqui ou ali, caído num erro, às vezes fatal para o doente. Errar é do homem, o que vale dizer de todas as profissões, com a medicina logo na cabeça da fila. E muita coisa, assim, pudemos ouvir, algumas amargas e outras divertidas, graças à lembrança de Darci Monteiro. Homem de suspenses e imprevistos, a isso não fugiria no decorrer das confissões das várias dezenas de colegas presentes à interessantíssima reunião. Foi assim que, num dado instante, achou de chamar as falas, para que contasse também um de seus erros, um pobre médico que, faz quase meio século, se encontra fora da profissão. Felizmente, teve juízo o doutor aposentado. Se ele se largasse a dar notícias de todos os erros que praticou na clínica, estou a jurar que, ainda hoje, estaria o homem a debulhar suas estórias. Conheço bem a vida desse doutor.

Nascido para viver na ponta de uma navalha, armado de uma lira, achou de tomar o caminho de um hospital com um termômetro na mão. Tipo do erro clínico antes de começada a clínica. Por onde se vê que o médico em apreço já nasceu errado. E a esse grande erro inúmeros outros viriam juntar-se, não obstante os esforços do facultativo em só agir acertadamente, aprofundando

na clínica, estou a jurar que, ainda hoje estaria o homem a debulhar suas estórias. Conheço bem a vida desse doutor.

Nascido para viver na ponta de uma navalha, armado de uma lira, achou de tomar o caminho de um hospital com um termômetro na mão. Tipo do erro clínico antes de começada a clínica. Por onde se vê que o médico em apreço já nasceu errado. E a esse grande erro inúmeros outros viriam juntar-se, não obstante os esforços do facultativo em só agir acertadamente, aprofundando nos livros e fazendo constantes e dramáticos apelos ao bom-senso. Não chegou a integrar o grupo de médicos que curam por meios e meios, mas hábito. Não chegou a praticar, já isso era um erro, não hereditário na minha família, que procure o testamento dos covetores das cidades por onde andou esse doutor. Eten, então, certo, confirmarão o meu depoimento. E foi por isso que o clínico dos recuados tempos saiu pela tangente quando convidado a narrar os seus erros na prática profissional. A ficar horas perdidas na tribuna, pondo em defesa as burradas que cometeu, por desatenção ou ignorância, preferiu contar a estória de um grande acerto de um grande cirurgião. Foi o caso de um sujeito que, chegando em casa, sentindo o estômago meio embrulhado, abriu a boca para vomitar. Mas foi sangue o que veio, numa golfada de assustar. E vieram chegando os médicos.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis... Uns, um tanto indecisos. Outros, seguros de que afirmavam. E chegaram a estas conclusões: que o caso era de câncer; que o paciente devia ser operado dentro de 24 horas; que o prognóstico era pretíssimo.

Tudo era contra o sujeito, que se mostrava com o pé na cova. Foi sugerido, então, se chamasse mais um doutor, o que representava a busca de uma lâmina para um naufrago. E veio um cirurgião capizaba. Espiou o cara. Apalhou-o. Disse-lhe umas frases engraçadas. E sentenciou, com firmeza: não é câncer; não deve ser operado agora; não vai morrer...

E' claro que a família havia de agarrar-se a opinião desse médico. O doente foi transportado para uma casa-de-saúde.

Aí ficou mais de um mês, em dieta especial. Engordou dez quilos. E foi, afinal, operado. Não era câncer. E o sujeito não morreu. Essa, a estória de um grande acerto, com um escore de 6x1. E isso passou há vinte anos. Duvidam do que aí está contado? Saibam, então, que o sujeito que abriu a boca para vomitar sangue foi eu. E ainda estou vivo... E o médico número sete? o autor do grande acerto? O admirável Darci Monteiro...

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS (AEL)

O assunto era de magna importância para o sodalício capixaba, uma vez que os vinte imortais passariam a quarenta.

O quadro seria aumentado, em face do número de intelectuais dignos do merecido prêmio, da excelsa distinção.

Assim, naquela tarde histórica para a cultura da terra de Graciano dos Santos Neves (vem aí o centenário do seu nascimento), a Academia Espírito-santense de Letras cogitava de uma revisão em seu Regimento.

Ciro Vieira da Cunha, já imortal, diante da ideia que não lhe pertencia, a de apresentar os nomes dos novos patronos, não hesitou: João Motta seria um deles, justa e merecidamente.

Tudo feito, resolvido, combinado, decidido, tintim por tintim, alguém ergueu a voz - necessária se fazia uma revisão dos nomes dos patronos, sentenciou.

E, em circunlóquio, perífrase, eufemismo ou polidez, o acadêmico queria porque queria a retirada do nome de João Motta.

Ciro Vieira da Cunha não fez discurso, não ergueu o dedo, não se manifestou em veementes dizeres insultuosos. Portou-se condignamente. Em requerimento, vazado no mais conciso estilo, pediu demissão da Academia.

Seu presidente, prof. Heráclito Amâncio Pereira, leu o escrito do colega acadêmico. Relendo-o, coçou a orelha direito, mordeu os lábios, ficou um tanto indeciso quanto a sorrir ou a rir.

Procurou o Giro e, abruptamente, ao avistá-lo, sapecou-lhe:

-“Você perdeu a cabeça! *Que dê seu juízo, senhor doutor, cadê?! Em que parte do mundo se faz o que você pretende fazer, aqui, no Espírito Santo? Imortalidade não se demite, ouviu?”*

Houve uma surpresa de parte a parte. E veio, por um momento, largo momento, na verdade, um silêncio profundo. Ambos se olhavam, meio constrangidos, cada qual pensando lá nos seus problemas.

Heráclito Pereira, o mestre de Geografia, inclusive a Humana, rompeu a quietude:

-“Ó Ciro, você precisa compreender que ninguém se demite da imortalidade. Só se sai de uma Academia morto, meu amigo!”

Cumprimentaram-se, assim, assim, e Ciro Vieira da Cunha afastou-se. Pouco depois, retornava, para apresentar ao presidente da Academia um atestado de óbito, com firma reconhecida, passado por médico.

Heráclito leu o documento. Arregalou os olhos, Encarou Ciro Vieira da Cunha:

-“Você está brincando comigo?”

-“Em absoluto, meu caro. Você me disse, não há muito, que eu só poderia deixar a Academia morto. Pois muito bem: aí está um atestado de óbito dizendo que Ciro Vieira da Cunha morreu”.

-“Mas o médico que assinou esta *droga* é você!”

-“E então? Este documento não pode ser discutido, Heráclito. Está devidamente legalizado e o médico tem fé pública, pois não?”

Com uma sonoríssima gargalhada, incontinenti, Heráclito Pereira rasgou o atestado de óbito, agarrou Ciro Vieira da Cunha pelo braço e o puxou para dentro do primeiro café nas proximidades da Escadaria Maria Ortiz...

João Motta continua patrono da cadeira n. 19 da Academia Espírito-santense de Letras...

Observação: João Motta, natural de Cachoeiro de Itapemirim, poeta, jornalista, fundou jornais, revistas em sua terra natal. A homenagem era mais que merecida...

(Publicado no “Jornal do Commercio”, RJ, 13-2-1968).

CARTA DA ROÇA

Você, amigo, deve andar um tanto apreensivo com o meu silêncio. Talvez me julgue adoentado. Ou com gente doente em casa. Nada disso, entretanto, vem acontecendo. Nunca me vi tão bem disposto quanto agora. E o pessoal todo, também, vendendo saúde. Tranqüilize-se, pois. A preguiça, uma invencível preguiça, é que me tem impedido de lhe escrever. Pego na pena e fico logo a bocejar, com o corpo a pedir rede ou travesseiro. Até a preguiça, aqui na roça, é diferente. É uma preguiça deliciosa, quase que diria nutritiva. Ela pode tirar à gente o ânimo para rabiscar algumas linhas aos amigos. Mas dá, em compensação, uma ventade boa de viver. Não é uma preguiça de funcionário público às portas da aposentadoria. É uma preguiça de estudante em véspera de prova. Uma preguiça que alimenta, que anima, que encoraja. E dizer-se que você nunca pôde sentir uma preguiça desse gênero! ah! se você a experimentasse, ao menos uma vez... Mas deixemos isso de lado, que você tem a cabeça mais dura que o rosto do Laurão, e vamos tratar de coisas mais sérias. Que me diz do custo de vida por aí? baixando mesmo, como tem anunciado o Alkmim? e das grandes obras projetadas pelo Negrão de Lima, que me conta? já principiaram ou já acabaram com a substituição dos secretários? e quanto aos aviões do Juscelino, que é que há com eles? deram mesmo para enguiçar nas alturas? Faça-lhe essas perguntas para ter sua idéia justa dos fatos, pois não acredito muito nos jornais. Cada um afirma sua coisa e, nem mesmo tirando uma média do que dizem eles, consigo chegar a uma conclusão satisfatória. Acredita você, pelo que observa por aí, em avenida sinetral, em vida barata e um avião enguiçado? ou será que tudo isso é propaganda para as futuras eleições? Li, numa folha — já é outra história — que andam a publicar publicidade de Brasília em jornais de Nova Iorque. Verdade ou mentira?

...você não viajante que é verdade. Jurou-me outro, porém, que é mentira. De mim, não acho nada. Lamento apenas não haver sido o jornalista. Lá, as tabelas de anúncios são três ou quatro vezes mais altas do que aqui. E as comissões, não serão mais altas também? Vou parar. A preguiça está voltando. Já dei uns três ou quatro bocejos. E, agora, escreva-me uma carta sua. Antes dela, não lhe mandarei mais uma só linha (nem mesmo uma palavra). Afinal de contas, não é razoável que só eu lhe escreva. E, mais tarde, não é decente o que você tem feito comigo. Disse-me o Aurônio (aquele velho amigo) que todas as letras que lhe envio você as publica no jornal do Mesquita. Isso é sujeira da boa. Então eu é que trabalho e é você quem recebe? Não, não, não. Saiba que você rache comigo os seus salários. Mas, ao menos, mande-me algumas linhas por mês. Saberei aproveitá-las num jornalzinho da cidadoca vizinha. E ficará tudo elas por elas. Brevemente, aparecerei por aí. A negócio. Como o governo está decidido a proteger a lavoura, vou pleitear um empréstimo no Brasil. Para montar aqui uma fábrica de uísque. Ou, talvez, uma boate. Ainda estou indeciso na escolha. Que lhe parece melhor? Lembranças à patroa e família toda. E disponha à vontade do velho amigo das grotas.

"A Gazeta", Vitória, 4-2-958

LEITURA EM EQUIPE

Para um dia de chuva, nada melhor do que uma poltrona, um livro e um cigarro (cigarro no sentido de maço...). A gente se estica na poltrona, acende o cachimbo, abre o volume e vai para longe. Nem dá pela ventania, pelos coriscos e pelas trovões. Uma felicidade. Sei muito bem que, em tais dias para muita gente não bastam aquelas três coisas para que lhe seja perfeita a ventura. Uns, como complemento, exigem o copo de uísque, o que não deixa de ser bom para quem tem o ordenado em dia e tem o organismo em ordem. Outros fazem questão de uma janela por onde se vejam as árvores da rua ou do jardim. Um destes, que eu conheço, é o Aurônio Faria, nome que, a cada triquete, aparece em meus escritos porque de há muito figura na galeria das minhas afeições. Mas eu não sou eu, por isso, com a poltrona (que vira cama para hóspede), o livro (comprado na loja, com vinte por cento de desconto) e o cigarro (companheiro desde os meus primeiros anos). E é com eles que me fico nesta quarta-feira de maio, quando um dia me transformou um dia útil para os patrões em dia mais útil para mim, formando-me a permanecer em casa. Corpo estirado, cigarro aceso, livro aberto, tudo pronto. Deixemos que a chuva caia. E venha comigo, leitor. Vamos ler de cabeça. A quatro olhos (se é que você tem dois). Você lê as páginas da direita. Eu, da esquerda. Ao fim, você me contará o que aprendeu lá do seu lado. E eu lhe contarei o que aprendi cá do meu (cá do meu... boa rima para "caduceu", para de aperto, para ajeitar um soneto). Será uma leitura em equipe, com o

Da varanda interna do meu tugúrio (meu porque moro nele e não porque me seja próprio, no que vai uma diferença de, mais ou menos, um milhão de cravados...), avista-se a monumental e belíssima estátua de Cristo, no alto do Corcovado. É a ela que, todas as manhãs, já pronto para enfrentar o batente, eu me atiro numa oração muito simples, mas profundamente sincera: "Fazê-lo com que hoje encontre um pouco de poesia!". E mais não peço à bondade dos céus. Basta-me aquele pouco que para mim é tudo. Porque poesia me dá coragem, me dá entusiasmo, me dá saúde. E de outros bens não preciso para a conquista da saúde dos meus sonhos (de sonhar só a morte nos livros...) neste mundo em que os homens se esmurram, se atropelam, se rasgam, na ânsia estúpida de mando ou de fama. O poder não dá coragem, nem entusiasmo, nem saúde. As vezes até o que se dá é covardia, indiferentismo e infarto. O dinheiro também não dá saúde, nem entusiasmo, nem coragem. Quase sempre leva a indigestões, a fobias, avareza ou ao egocentrismo. Só a poesia tem o condão de transformar, a fobias, avareza ou alegria de viver. E o que peço, ao sair de casa, é de regra que a encontre antes mesmo de chegar à cidade. Numa brisa que passa. Numa folha que cai. Ou numa criança que sorri. Que em tudo isso há poesia. Uma poesia que desertou de quase todos os versos que andam por aí, pelo que não há como encontrá-la em livros. O jeito, assim, é pedi-la a Deus. É o que faço todas as manhãs, olhos postos no Cristo vestido de sol. De longe em longe, contudo, como em abençoado milagre, ainda aparecem volumes que nos trazem momentos de felicidade na poesia que lhes mora nas páginas. A poesia de que todos nós carecemos. A poesia que acarinha o espírito e nos beija o coração. A poesia que nos leva a um mundo diferente onde as almas se aproximam e se compreendem, através da linguagem lírica do amor. A poesia que perfuma a vida tirando-lhe o cheiro de pântano que os homens lhe deram, materializando-a, brutalizando-a, cavalizando-a. E é essa poesia boa e consoladora que agora me chega em três livros de Solimar de Oliveira. Um dos nossos poetas da primeira fila, continua Solimar de Oliveira fiel à velha técnica do verso. Cuida-lhe do metro, busca-lhe a rima, respeita-lhe o ritmo. Soube resistir à onda avassaladora que muitos estragos fez, sem conseguir, entretanto, levar de roldão os verdadeiros artistas. Em *Ânfora Azul*, como em *Lamentação de Orfeu* e em *Sangrando Mágoas*, não se encontram, nem por descuido, essas loucuras que caracterizam os gênios modernos que se elogiam nas colunas dos suplementos e se arrasam às portas das livrarias. Em todos os volumes, o mesmo equilíbrio, o mesmo respeito aos modelos consagrados, a mesma força de inspiração, a mesma poesia. Onde não se dá com um pedaço de azul, dá-se com uma palavra de amor ou um gemido de saudade. Poesia espontânea, simples, legítima. Poesia transmutada em versos e não versos em busca de poesia. Por isso, fui até ao fim dos três volumes. A poesia de Solimar de Oliveira dá coragem, dá entusiasmo, dá saúde. Porque nos desce ao coração, fazendo-nos benzer a vida e fazendo-nos perdoar aos que procuram estupidificar o mundo. Não sei como foram esses volumes recebidos pelos críticos. Possivelmente com um silêncio, pois também eles são dos suplementos. Mas isso pouco importa. Os verdadeiros poetas não vivem de elogios. Vivem da própria poesia. Esta lhes é prêmio, lhes é consolo e lhes é fortuna.

"A Gazeta", Vitória, 9-2-959

XVIII
PAULA NEI E OS CAPIXABAS

“Manoel Monjardim, que se doutorou em medicina em 1898, era camarada de Paula Nei, havendo tomado parte em vários movimentos encabeçados pelo saudoso boêmio. Filho do Espírito-Santo – Estado que, mais tarde, viria a representar no Senado Federal – tinha Monjardim, entre suas melhores amizades, alguns coestaduanos, entre os quais figurava o dr. Manhães que era, ao tempo, uma das figuras exponenciais da medicina capixaba. Certa vez, ia Monjardim pela Rua do Ouvidor, com o dr. Manhães, quando encontrou o Nei, como sempre afobado, cheio de altas preocupações...

– Venha cá, ó Nei... quero apresentar-lhe um nosso colega...

– É de jornal?

– Não. É médico no Espírito Santo... É o dr. Manhães...

E Paula Nei, reparando na pele escura do médico espírito-santense:

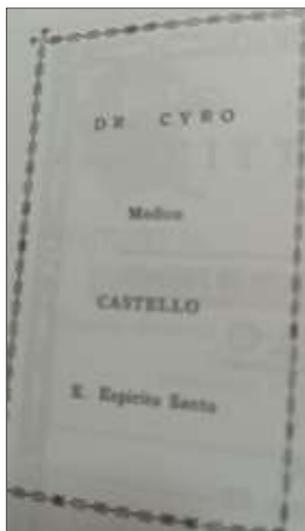
– Muito prazer... muito prazer... E os poetas ainda dizem que, no Brasil, todas as manhãs são claras...

O dr. Manhães, que já conhecia a força do boêmio, achou-lhe graça na frase, apertando-o num abraço mui cordial.

E, após dois dedos de prosa e um “às suas ordens” na “Gazeta da Tarde”, lá se foi o Paula Nei, como sempre afobado, cheio de altas preocupações, para, logo adiante, ficar horas perdidas conversando com o Guima e com o Rocha Alazão”... –

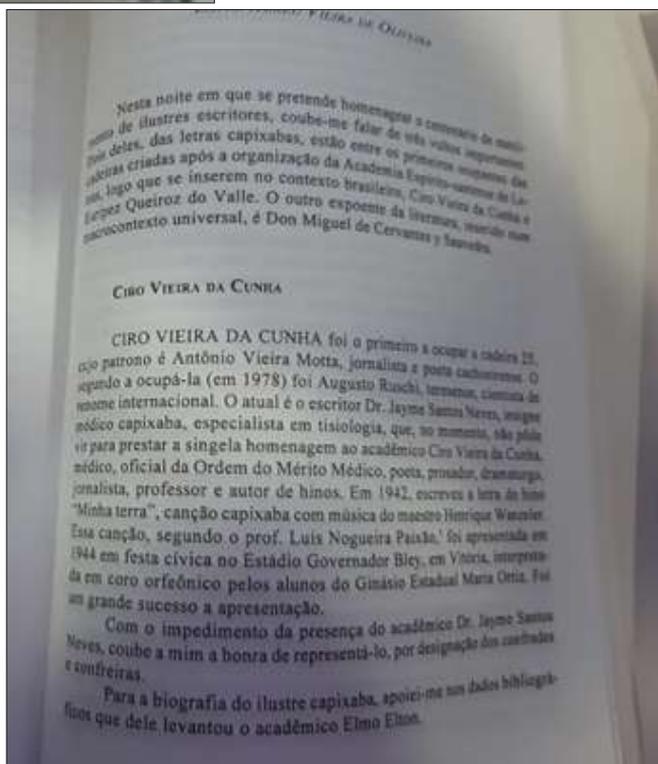
(Do capítulo “Anedotas ainda não contadas”, do “No Tempo de Paula Nei”, de
Ciro Vieira da Cunha, Coleção Saraiva, 1950)

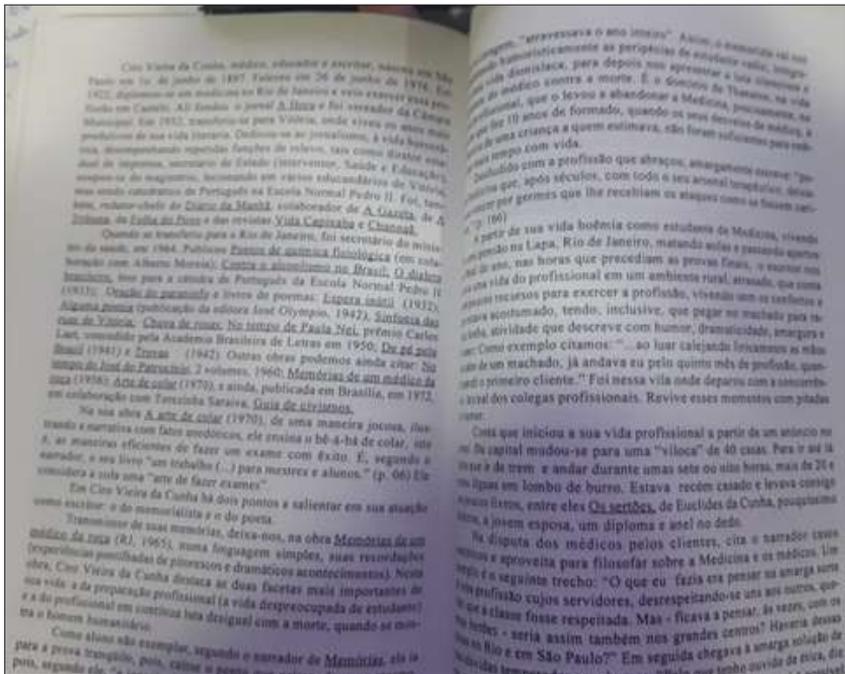
O livro com as *Piadas de Paula Nei* foi publicado pelos filhos, em 2001.



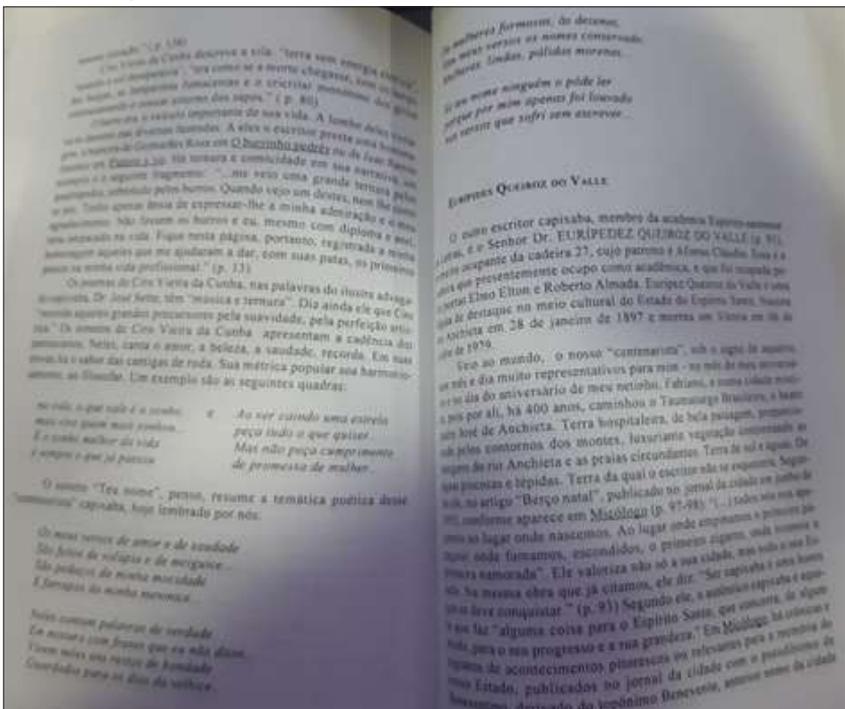
Cartão de visita do Dr. Cyro, quando foi médico em Castelo.

Fonte: VIEIRA.





Artigo de Ester Abreu publicado na Revista do IHGES, n.50, em 1998.

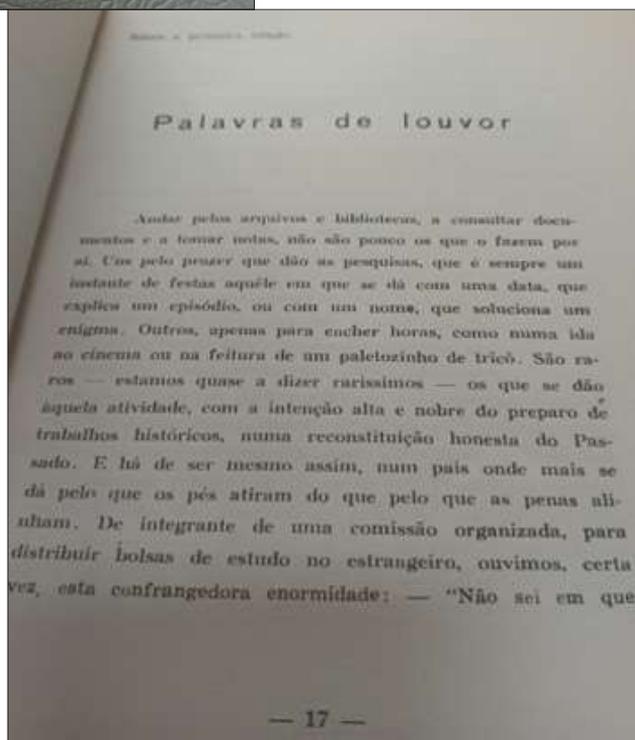


Quando Castelo conquistou sua independência, passando a ter honras de município, foi naturalmente grande a alegria do povo. E houve festança grossa. Para ficar, com um ato de justiça, assinalado o reconhecimento da população ao Presidente do Estado que sancionara a lei, alguém sugeriu que na sala de sessões da Câmara, fôsse inaugurado o retrato do doutor Aristeu Borges de Aguiar. Não houve quem deixasse de bater palmas à idéia. Arranjada a fotografia, foi providenciada a ampliação, cuidando-se logo da aquisição da moldura. E para que a homenagem fôsse, verdadeiramente expressiva, organizou-se uma lista para que todos contribuissem com uma parcelazinha para a cobertura do total da despesa. Assim foi feito. E quase houve briga por causa do primeiro lugar que era uma espécie de cabeça de chapa... Coube a mim fazer o discurso oficial no dia da aposição do quadro. Mas não é a isso que quero referir-me nesta conversa, muito embora tal lembrança muita gente quisesse poder fazê-la, agora que o dr. Eurico Sales é Ministro da Justiça... O que desejo contar coisa muito diferente. Aconteceu mais pra frente um bocadinho, quando estourou a Revolução de 30. O Presidente do Estado foi deposto. E Castelo foi tomado por um grupo de revolucionários vindos das bandas de Minas. A cerimônia da "posse" foi no salão da Câmara. Uma solenidade sem discursos. Os "invasores" limitavam-se a abrir gavetas, remexendo pastas e fuçando papéis. Assisti a tais cenas, em companhia do meu compadre Anysio Novais. E prosseguia a "limpeza" quando um cidadão achou de gritar: "Vamos pôr abaixo aquêlê quadro! vamos atirá-lo pela janela afora! A turma vitoriosa aplaudiu a lembrança. E o tal cidadão, exaltadíssimo, arranjou logo uma escada para resolver o caso. Parecia furioso. Queria esmurrar o vidro do quadro. Queria morder a moldura. Queria dár um tiro no retrato. Acabou por tirar a foto, rasgando-a em vários pedaços. A moldura, jogou-a a um canto da sala. Talvez o leitor conheça êsse fato de outubro de 1930. Duvido, entretanto, saiba destas duas coisas: que o cidadão que rasgou a fotografia foi o mesmo que, na lista das contribuições, fêz questão de assinar em primeiro lugar e que a moldura do quadro foi mais tarde, aproveitada pelo dr. Mário Tavares para um retrato do dr. João Pessoa.

Crônica reproduzida no livro "Castello", de José Eugênio Vieira. 2004.

“Ciro Vieira da Cunha, primeiro ocupante da cadeira 25 da Academia Espírito-santense de Letras, era médico, um médico literato que acabou trocando o exercício da medicina pela literatura. Nascido em São Paulo, em 1897, transferiu-se para a cidade de Castelo, muita próxima a Cachoeiro de Itapemirim, no sul do Estado, no ano de 1923. Nessa cidade exerceu a medicina e foi jornalista, fundando o jornal *A Hora*. Elegeu-se para a Câmara Municipal. Em 1932, abandonando definitivamente a medicina e a política, esse espírito dado a mudanças radicais muda-se para Vitória, vivendo aí os anos mais produtivos de sua vida. Além de jornalista, atividade que o levou a ser o redator-chefe do *Diário da Manhã* e colaborador – cronista – de *A Gazeta*, onde chegou a publicar crônicas diárias, dedicou-se ao magistério, e nesse sentido veio a ser Secretário de Estado da Educação. Sabe-se que no governo da Revolução de 1964 foi secretário do Ministro da Saúde. Em 1976 falece no Rio de Janeiro, deixando uma vasta obra que inclui ensaios, volumes de poemas, um certo *Guia de civismo*, de 1972, em parceria com Terezinha Saraiva, *Memórias de um médico da roça*, livro certamente valioso para o conhecimento da história da cidade de Castelo do início do século – se não lhe deponho tanta fé –, além de comédias e hinos, inclusive um Hino do Espírito Santo que, ao que se sabe, nunca chegou a ocupar o lugar do hino composto por Arthur Napoleão com letra de Pessanha Póvoa”.

(Pedro J. Nunes. *Discurso de posse na cadeira 25*. 26/05/2014).



CIRO VIEIRA DA CUNHA

ORAÇÃO DE PARANINHO

DDC/NC
B869.5
C9720
1937

IMPrensa OFICIAL
VITÓRIA
1937

Às Professorandas de 1936
da Escola Normal de "Pedro II"

Folha de rosto do discurso de Paraninho às Normalistas de 1936.

ENSAIO CRÍTICO

CIRO VIEIRA DA CUNHA, “BILAQUEANO” NA VIDA E NA ARTE.

Ciro Vieira da Cunha (1897-1976) se definia como “paulista de nascimento, capixaba de coração, carioca honorário e de bom gênio”. Em sua biografia, Theomar Jones destacou sua “Inteligência e Sensibilidade”. Aos dez anos, ao ver a data de seu natalício publicada na imprensa por um jornalista amigo de seu pai, se apaixonou pela imprensa, logo se iniciando na arte de escrever, atividade que nunca deixou de exercer na vida, bem como a de ler. Entrou na Faculdade de Medicina, em São Paulo, aos 18 anos, por desejo do pai, mas nunca foi um bom aluno, pois sua paixão eram o jornalismo e o teatro. Em 1915, conheceu Olavo Bilac (1865-1918), em uma palestra na Faculdade de Medicina, em São Paulo. Jornalista, contista, poeta, Bilac foi o principal representante do parnasianismo no Brasil. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 15 da instituição. Bilac estudou Medicina e Direito, sem completar os cursos. Além de jornalista, foi inspetor de ensino, no Distrito Federal, cargo em que se aposentou, pouco antes de morrer. Bilac se imortalizou não só como poeta, mas também como incentivador do “Civismo”, na República Velha. Foi o idealizador da disciplina “Educação Moral e Cívica”, implantada nas escolas e do serviço militar obrigatório para todo jovem, ao completar dezoito anos. É o Patrono do Reservista Brasileiro. Percorria o Brasil em cruzadas cívicas, palestrando sobre nacionalismo, civismo, amor à Pátria. Foi um dos principais escritores a escrever para crianças, no início da República, com textos em prosa e verso, enaltecendo o Brasil e o amar à Pátria. Ciro Vieira da Cunha foi profundamente influenciado por Olavo Bilac, em sua juventude, e se tornou um dos intelectuais da Primeira República a utilizar sua literatura como arma para saudar “a dívida republicana”, como afirma CARVALHO (1989): “Sedimentou-se nos anos 20, entre intelectuais que se aplicavam a pensar o Brasil e a avaliar a República instituída, a crença de que na educação residia a solução dos problemas

que identificavam. Este entusiasmo pela educação condensava expectativas diversas de controle e modernização social, cuja formulação mais acabada se deu no âmbito do *nacionalismo* (grifo meu) que contamina a produção intelectual do período” (*A Escola e a República*, p. 9).

Assim descreve Ciro Cunha a presença de Olavo Bilac em sua Faculdade de Medicina, no dia 14 de outubro de 1915, em suas *Memórias de um médico da Roça*: “A Faculdade era nova. Não havia dado ainda uma só turma de doutores. Mas a ela foi que Bilac escolheu para o segundo discurso de sua campanha cívica, movimento em que colocou sua glória e sua popularidade a serviço dos quartéis, como, antes, já os pusera a serviço das escolas”. Em seu discurso, relembra Ciro, Bilac “Compara o organismo social ao organismo físico. Aponta a indiferença como “carcinoma da estrutura moral”. Pede reação e pede coragem. Concita todos os moços do Brasil à campanha do entusiasmo e da fé. E, ao fim: “Deus abençoe a vossa bondade e a vossa energia!” (CUNHA, 1965, p. 65-8).

A presença de Olavo Bilac em sua vida, como escritor e profissional, foi tão forte, que cinquenta anos após esse encontro, Cunha relembra com detalhes os fatos ocorridos, bem como os que se sucederam, após esse encontro: “Nunca pude esquecer essa passagem, tão claros me ficaram na memória todos os instantes daquele dia glorioso. Um ano mais tarde, transferia-me eu para a Faculdade do Rio (...) E inscrevia-me no Tiro de Guerra da Escola. Fazia-me “bilaqueano”, que era assim se denominavam os atiradores dos batalhões acadêmicos. Com que orgulho, dentro da farda cáqui bem detalhada, com botões dourados e cheia de bolsinhos, desfilávamos pela Avenida, levando uma rosa espetada na boca do fuzil (...) Só um poeta como Bilac, pelo menos comigo, teria sido capaz de tal milagre (...) Bilac era o meu ídolo. O santo do meu altar. Dele se diziam horrores. Chegavam a cochichar até que era um sujeito de costumes pervertidos. Eu, porém, não acreditava em nada disso. E era de festa para o meu coração os dias em que com ele dava, num cruzar de rua ou em sessão pública da Academia de Letras. (...) Depois, naquela manhã triste de dezembro de 1918, a notícia cruel. Bilac morrera. Fui, sozinho, ver-lhe o corpo na sala do Silogeu, como mais tarde, iria ver, na redação de *A Pátria*, o corpo de João do Rio (...) Ali estava aquele que me fizera sentir,

mais que todos os mestres e todos os livros, o orgulho de ser brasileiro e me dera uma ânsia entusiástica de amá-lo e de servi-lo. Aquele que, com seus versos, coroara de sonhos a minha juventude... (...) E hoje, tão distante disso tudo, enquanto escrevo estas memórias, quando a quando deixo a pena e apanho, na estante, o volume que tem sido meu companheiro inseparável, o do divino poeta de *Sarças de Fogo*. Passam os anos, morrem os sonhos. Só não passam nem morrem as grandes admirações da nossa mocidade...” (Id. Ibid. p. 69-70).

Neste ensaio, quero aproximar a vida e a obra de *Ciro Vieira da Cunha* à estética e à ideologia bilaqueanas, que tão fortemente marcaram a sua existência. Para isso, utilizarei alguns estudiosos da obra de *Bilac* e de sua utilização como instrumento ideológico na escola brasileira, aproximando-a à de *Ciro V. da Cunha*, poeta parnasiano, jornalista militante, gestor administrativo em períodos não democráticos e ideólogo de um sistema político ditatorial implantado por *Getúlio Vargas*, a partir de 1930. Claro, não poderia deixar de citar o excelente estudo do confrade *Fernando Achiamé* sobre o “Espírito Santo na Era Vargas” (FGV, 2010), sem o qual não é possível entender a atuação de *Ciro Vieira da Cunha* no Espírito Santo como participante da ideologia predominante em seu tempo. Uso o termo “ideologia”, conforme o explicou *Chauí*: “um fato social justamente porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de ideias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das ideias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais”. (CHAUÍ. 1984. P. 31).

Olavo Bilac foi o modelo de “intelectual orgânico” na República Velha (1889-1930) assim como *Ciro Vieira da Cunha* o foi nos períodos autoritários varguistas (1937-1945) e na ditadura militar (1964-1979). E aqui utilizo o conceito baseando-me em *Antonio Gramsci* (1891-1937), filósofo marxista italiano, que afirmou ser “Intelectual orgânico” um tipo de intelectual que se mantém ligado a sua classe social originária, atuando como seu porta-voz. Nesse aspecto, *Bilac* e *Ciro* se aproximam quando colocam sua inteligência e sua arte a serviço de um poder autoritário, atuando, sobretudo, na imprensa, na escola e na literatura. Conforme análise de *Achiamé* sobre o primeiro período ditatorial getulista no

Espírito Santo (1930-1937), “Tudo mudou na instância político-administrativa para que na essência socioeconômica, na qual residia o maior interesse da classe dominante, nada mudasse de fato” (Id. *ibid.* p. 315).

Cabe agora analisar a participação de Ciro Vieira da Cunha nesse período, sua ideologia e ação postos a serviço de governos discricionários, no período citado e além, pois se estende até a ditadura militar, quando desempenhou importante papel como Secretário do Ministro da Saúde (1964-1970), indicando pessoas para cargos-chave e até redigindo um *Manual de Civismo* para utilização nas escolas, o principal instrumento ideológico dos militares no poder. Essa participação se inicia em 15 de outubro de 1930, em Castelo, no sul do Espírito Santo, onde era médico, vereador, dono de escola e jornalista, quando Ciro recebe os revoltosos vindos de Minas Gerais, comandados pelo Tenente José Teixeira Porcino, e se posiciona ao lado deles, chamando-os de “irmãos”, conforme relato de José Eugênio Vieira: “Por essa ocasião, uma “boataria”, sobre o que iria acontecer aos castelenses, com a chegada dos militares, levou diversos moradores a abandonar suas casas e, conseqüentemente, leva-los a procurar abrigo nas diversas fazendas do município de Castelo. Entretanto, o Dr. Cyro Vieira da Cunha, utilizando-se de sua costumeira inteligência, os recepcionou na varanda do prédio, onde hoje existe a placa de indicação da Praça Três Irmãos. Dali daquela varanda, saudou-os como irmãos do mesmo sangue, independente de pensamentos e ações de natureza ideológica, o que acabou numa grande festa de confraternização”. (VIEIRA. 2004. P. 68-9).

Com a chegada dos revoltosos getulistas ao poder, inicia-se o período de Interventoria, visto que os cargos de Prefeito e Vereador foram extintos. Para Castelo, foi nomeado como Interventor o Dr. Mário Tavares. Sua posse foi noticiada no jornal “A Hora”, cujo proprietário era o Dr. Ciro e seu Redator-Chefe, João Rangel, o representou na posse do Interventor, em dezembro de 1930. Foto de 1931 mostra Ciro Vieira da Cunha ao lado do Interventor nomeado e do ex-interventor Ten. Nicanor Paiva, o que comprova a ligação de Ciro com os revoltosos desde o primeiro momento.



FOTO Nº 10 - Dr. Mário Tavares (Prefeito). À Esquerda, Sua Esposa. À Direita, Tenente Nicanor Paiva (Ex-Interventor) e Cyro Vieira da Cunha. Os Demais, Não

Fonte: Revista "Vida Capichaba". Ano IX. N. 296. 3/10/1931 (Apud VIEIRA. 2004.p. 72).

Um ano antes da chegada dos revoltosos de 1930 a Castelo, foi criado no novo município, emancipado no ano anterior de Cachoeiro, o primeiro Tiro de Guerra, TG 338, depois, 107, uma idealização de Olavo Bilac junto com os militares da República Velha. Lembremos que, no relato de Ciro, ele pertencera ao TG de sua Faculdade de Medicina, no batalhão dos acadêmicos. Em 12 de dezembro de 1929, comunicava-se ao Prefeito de Castelo, Dr. Américo Lima, a eleição e posse da Diretoria do TG 338, tendo como Presidente para o período 1929-1930 o Dr. Ciro Vieira da Cunha. Em outubro de 1931, a Diretoria do TG 338 convida a "Família Castelense" para um baile em comemoração ao primeiro aniversário da vitória da "Revolução Brasileira" (VIEIRA. 2004. P.511-512).

Em 1932, Ciro Vieira da Cunha encerra sua participação na vida política e social de Castelo, município para onde fora desde 1923, quando se formou em Medicina no Rio e veio ocupar função de "médico da roça" na viloca de Conceição do Castelo. Em seu livro de "Memórias de um Médico da Roça", afirma ter desencantado pela Medicina, por não ter conseguido salvar um menino seu vizinho vitimado pela pneumonia. Tudo leva

a crer, no entanto, que a razão econômica e as oportunidades de trabalho vislumbradas na capital estadual, a partir do novo regime político, foram as principais razões de ter abandonado a medicina e saído do interior. Afinal, dizia: “Da Medicina saí riquíssimo em desencantos e decepções. Em matéria de dinheiro, dela saí liso tal como entrei. Foi dando aulas e escrevendo artigos em, que consegui alguns cobres, os quais investi na educação dos meus filhos” (Apud JONES. 1989. P.22).

Em 1933, veio para Vitória participar de concurso para Professor Catedrático de Português na Escola Normal Pedro II. Enquanto aguarda a nomeação, leciona em várias escolas da capital capixaba. Nesse mesmo ano, publica seu primeiro livro literário, “Espera inútil”, poesias, Esse seu primeiro livro de versos possui 64 páginas e foi publicado pela Imprensa Oficial do ES. Reúne 28 sonetos ilustrados pelo artista capixaba Leobaldo Ferreira e tem como epígrafe “...o desgraçado coração humano só com o que não possui é que é feliz”, do poeta parnasiano Vicente de Carvalho. A “espera inútil” do título é explicada no prólogo: “Na ânsia eterna de felicidade, a alma espera...Glória? amor? Não sabe. Mas espera. Desmancha-se em ódios. Ou se afoga em beijos. Desfaz-se em clamores. Ou se despetala em versos. E espera sempre. Espera o que não vem. De olhos para o alto, não percebe a felicidade que lhe mora nas mãos. A felicidade do sonho...E espera... Espera inútil”. Provavelmente, escrito na juventude, pela temática e pela forma dos sonetos, anteriores a qualquer sugestão modernista ou futurista já praticada por escritores da década de 1930, quando seu livro foi publicado.



Na orelha, há indicação de dois livros a publicar, *Café Pequeno*, crônicas, e *Garoa*, poesias.

No entanto, sua espera não foi inútil, pois, no ano seguinte, torna-se Redator-chefe do “Diário da Manhã”, o jornal oficial do estado e, a partir de 1935, já é diretor da Escola Normal, onde recém chegara como professor. Na inauguração do estádio de futebol Governador Bley, em maio de 1936, discursa para cerca de 5 mil pessoas. E, no final do ano, como Paraninfo das Normalistas de 1936, profere sua *Oração de Paraninfo*, publicada em janeiro de 1937 pela Imprensa Oficial, em que expõe, claramente, a ideologia do governo que defendia. Vejamos alguns fragmentos: “Essa a hora que precisamos deixar de viver, trancando com a vontade as portas da imaginação enganosa e abrindo os diques do pensamento com a segurança do raciocínio. Deixemos de sonhar, e

pensemos. Abramos os olhos para ver e os ouvidos para ouvir. Mas para ver o Brasil. E para ouvir o Brasil. Em suas ânsias, em seus desejos, em suas questões, em sua realidade, nas reticências margas de seus inúmeros problemas. Não queiramos, apanhando soluções de outros climas, resolver problemas que nunca possuímos”. E, a partir daí, começa a citar exemplos de outros países, Rússia, Estados Unidos, para resolver seus problemas, que não são os nossos. Com relação à educação, condena práticas de países socialistas implantados em nossas escolas: “encantados com os métodos socializadores, enamorados das cooperativas escolares, , não lhes fizemos a menor restrição, e fomos caindo para o crime da implantação de ideias comunistas no espírito das crianças. Tanto ficamos a sonhar, tanto mergulhamos em climas estrangeiros, que acabamos levantando no Brasil uma escola sem corpo e sem alma, uma pobre escola sem Pátria e sem Deus. Inquietados com os surtos ameaçadores da ideologia russa, que a nossa displicência consentiu alcançasse a altura a que chegou, redobramos energias, centuplicamos esforços, na defesa do regime que atende às nossas exigências e respeita as nossas tradições, e apelamos para a escola no sentido de entregar ela ao país inteligências que assegurem a obra sonhada em 89 e defendida em novembro de 35 pela bravura do exército nacional” (Id.ibid.p.16).

Lembremos que a referência a novembro de 1935 se refere à data que ficou conhecida como “Intentona Comunista”, quando levantes comunistas no nordeste e no Rio de Janeiro foram duramente repelidos pelo exército getulista, em que milhares de intelectuais foram presos, como a capixaba Haydée Nicolussi (1905-1970) ou banidos do país como os irmãos Besouchet (Lidia, Augusto, Marino e Alberto, esse último morto na Guerra Civil Espanhola). Nesse mesmo ano da publicação da *Oração do Paraninfo*, Getúlio Vargas implanta o “Estado Novo”, eliminando toda a oposição, seja a dos comunistas, seja a dos integristas, que tinham o mesmo *slogan* tão caro à ideologia getulista defendida por Ciro Cunha: “Deus, Pátria e Família”. O final do discurso é um chamamento às ideias nacionalistas defendidas nas 21 páginas da citada *Oração de Paraninfo*: “E, já agora, adeus, meus queridos afilhados. Pensando no Brasil, olhos fitos no Brasil, saíam ser professores de alma brasileira, para grandeza de nossa Pátria, que vos saberá agradecer em preces a Deus, por que sobre vós se desmanchem os céus em bênçãos

de luz, em milagres de glória, em maravilhas de amor”. Deus e Pátria são lembrados no epílogo e ficou implícita a missão das Professorandas no fortalecimento da família tradicional e conservadora.

Em 1938, Ciro Vieira da Cunha é eleito para a Academia Espírito-santense de Letras, para ser o 1º ocupante da cadeira 25, cujo patrono, escolhido por ele, foi o cachoeirense Antônio Vieira da Motta, falecido em 1934. Já pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito que, segundo Achiamé, “sempre contou entre seus sócios com um número apreciável do que Gramsci chamava de “intelectuais tradicionais”, tal não se dava nessa época de forma exclusiva. Os seus membros eram plenamente atuantes nas suas diversas atividades profissionais, o que reforça a característica de funcionarem também como “intelectuais orgânicos” (ACHIAMÉ, Op., cit., p.199). Na AEL, era a mesma coisa: a maioria dos seus membros era formada de “intelectuais orgânicos”, quase todos ocupando papel de destaque na administração pública, avalistas do “Estado Novo” getulista.

Em 1941 ocorre o auge o governo getulista, cujo coração balança entre apoiar os países autoritários do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), na Guerra Mundial, ou se juntar aos Aliados comandados pelos Estados Unidos, que buscavam a democratização dos países envolvidos. Forçado pelos EUA, Getúlio adere aos aliados, a contragosto. No Espírito Santo, Ciro Vieira da Cunha é nomeado primeiro Diretor do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), com a obrigação de implantar em terras capixabas os tentáculos do terrível DIP, ferozmente dirigido pelo famigerado Filinto Müller. O DEIP era o órgão responsável pela ligação dos atos da administração municipal e estadual com a Agência Nacional. Era dele que a Agência Nacional recebia as informações sobre os atos e outras notícias importantes da administração, da interventoria e da sociedade capixaba.

Nesse mesmo ano, o jornal “A Tribuna Ilustrada” lançou o concurso para eleger por voto o “Príncipe dos Poetas Capixabas”. 51 candidatos concorreram, dentre eles, 10 mulheres. O 1º lugar ficou com Narciso de Araújo, poeta simbolista, com 4.423 votos e o 2º com Ciro Vieira da Cunha, com 3.762 votos. A premiação foi a publicação do seu livro **Alguma Poesia**, edição nacional da José Olympio e capa de Luís

Jardim. Foi o maior reconhecimento que teve como poeta local, visto que Narciso Araújo vivia recluso em Itapemirim, em nada participando da política local. Seu livro conquistou o prêmio “Ulisses Sarmiento”, oferecido pelo Dr. Américo Monjardim, Prefeito de Vitória. Seu companheiro de IHGES e de AEL, José Sette, assim justifica o voto: “Voto no Ciro. Não é ele lírico? Não tem nos versos música e ternura? Não recorda aqueles grandes precursores pela suavidade, pela perfeição artística? Não fala ao coração? Não apreze um romântico retardatário, entre as agrestias atuais? Meu voto é dele. Recorda-me o tempo que passou.” (Prefácio ao **Alguma Poesia**. 1942).

O segundo livro de poesias do autor reúne 47 poemas, distribuídos em 3 partes: “...Das horas de ânsia, ...Dos instantes de amor, e ...Dos dias de saudade”. Com epígrafe de Martins Fontes, “... a poesia é necessária como o pão”, apresenta 36 sonetos, dentre os 47 poemas, alguns deles merecedores de publicação em qualquer antologia de poesia parnasiana, tal a perfeição com que foram feitos. O autor sempre considerou Olavo Bilac seu ídolo e seus poemas revelam a fôrma apreendida com o mestre. Os poucos poemas modernistas, sem metro ou rima, no entanto, revelam a qualidade do labor estético de CVC e uma mudança em relação ao seu primeiro livro de versos, “Espera inútil”, totalmente parnasiano, publicado na década anterior. Também é o seu primeiro livro literário publicado por uma grande editora nacional, fora de Vitória. No entanto, embora publicado em plena II Guerra Mundial, nada revela das graves questões sociais por que o mundo passava, nada fala do “Sentimento do Mundo”. É puro “eu”, a ponto de lembrar ao amigo votante um “romântico retardatário entre as agrestias atuais”. Parnasianismo e Romantismo são estéticas passadistas, em 1941-2. E é isso o que o livro de CVC da Cunha apresenta: estética e temática passadistas, reacionárias, sem nenhum engajamento social, numa época em que os grandes poetas nacionais como Bandeira, Drummond e Jorge de Lima estavam em outra “vibe”, como se diz hoje.

Não consegui localizar o poema “De pé pelo Brasil”, 1941, pelo título, uma incitação ufanista de amor à Pátria. De sua obra poética, o mais conhecido é **Sinfonia das ruas de Vitória**, versos em parceria com Celso Bonfim, Eugênio Sette e Geraldo Costa Alves, de 1943. Este livro

reúne os seguintes poemas modernistas dos autores: “Garoto Pidão”, de Eugênio Sette; “Vitória” e “Madrugada nas ruas de Vitória”, de Celso Bomfim, “Porto de Vitória” e “Rainha das Flores”, de Geraldo Costa Alves e “Poema do Morro” e “Cantiga de Roda”, de Ciro Vieira da Cunha. Em “Poema do Morro”, o autor retrata a “Menina do morro...morena bonita, com laço de fita, vestido de chita, que lava pra fora, cobrando por mês...”; essa “Menina do morro, morena bonita, que lava pra fora, cobrando por mês... Não fala em namoro, mas pensa no *amô* de um primo malungo que um velho quibungo de um velho quitungo pediu a Xangô...”. O melhor do poema é a reconstituição de uma linguagem afro-brasileira, ao modo de Jorge de Lima. O segundo poema do autor é “Cantiga de Roda”, cujo tema é a “Menina da praça, garota sem graça, que passa, que passa, que passa outra vez... Por que você para e faz cara feia, se a gente repara nas pernas sem meia, e diz umas coisas em mau português?”. A visão didática e preconceituosa do professor de português interfere na estética modernista, concessão feita pelo autor, já que se mantinha preso às formas clássicas da poesia parnasiana. Deu uma “fraquejada”, como diria um personagem dos nossos tempos.

Ao final do governo getulista, e da interventoria nos estados, CVC exerce vários cargos de curta duração na administração pública como Secretário de Estado da Saúde e Assistência, Secretário de Estado da Educação e Cultura e até o de Interventor Federal no Espírito Santo, no período de 11 de novembro a 26 de dezembro. Em 1947, publica **Chuva de Rosas**, poemas, seu último livro de versos. Com a redemocratização do país, perde espaço na administração pública, mas ainda exerce o cargo de diretor da Associação Espírito-santense de Imprensa, antes de se mudar, definitivamente, para o Rio de Janeiro, onde seu filho já morava. Em 1949, recebe o Prêmio Carlos Laet, da Academia Brasileira de Letras, pela pesquisa memorialística sobre o jornalista Paula Ney, atuante no final do século XIX, últimos anos do Império e primeiro da República. Com a volta de Getúlio e de seus amigos ao poder, CVV encerra sua vida em Vitória e começa um novo período, na capital federal.

Em 1950, muda-se para o Rio de Janeiro, morando, inicialmente, no Jardim Botânico, e, na Rua Voluntários da Pátria, 329/806. Botafogo. Nomeado Chefe da Subdivisão de Propaganda do IBGE. Nesse ano, sai

No tempo de Paula Nei, pela Saraiva, SP, uma edição de 40 mil exemplares e 196p., com distribuição em todo país. Publicado como v.25 da coleção Saraiva, dedicado a Raul Pederneiras e a Paula Nei Filho, o livro reconstitui com fidelidade a vida do jornalista Francisco de Paula Nei, ou Paula Nei, como era conhecido, cearense que desembarcou no Rio, a capital do país, em 1877, para estudar Medicina. Reprovado no curso, tornou-se jornalista, um dos mais importantes de sua época, amigo de Olavo Bilac e de José do Patrocínio, tendo convivido com os principais escritores de seu tempo, fundadores da ABL. Por não ter deixado livro publicado, a memória de Paula Nei se perdeu com o tempo, brilhantemente recuperada nessa obra de CVC, em que reconstitui, magistralmente, o tempo e o contexto vividos pelo biografado. Daí pra frente, o autor não mais publicaria livro de poesias, só de prosa, todos de memórias.

Em 1951, comemorou-se, festivamente, o IV Centenário de Vitória. Ciro V. da Cunha obteve o 1º lugar no concurso de sonetos promovido pela Comissão Organizadora do IV Centenário de Vitória com o poema “No Moscoso, ao luar...”. No Rio, em toda a década de 1950, CVC mantém intensa atividade produtiva: é Redator-chefe da revista **Brasil Rotário**, prefacia livros como “Medicina e Remédios do Espírito Santo”, de Maria Stella de Novaes, em 1956, mesmo ano em que publica **O Cadete 308**, opúsculo de 24p., publicado pelo Jornal do Comércio, ensaio bastante bem documentado, com citação de muitas fontes, sobre um episódio ocorrido com Euclides da Cunha, quando era cadete do Exército, em novembro de 1888, quando a Monarquia se exauria e a República se aproximava. Em uma visita do Ministro da Guerra, Tomás Coelho, à Escola Militar, ocorreu um protesto da cadete 308, Euclides da Cunha, em favor da República. Diante das controvérsias do fato, o autor recorre a várias fontes para esclarecer, realmente, o que ocorreu. Possui várias funções, dentre as quais as de Assessor do Sindicato dos Médicos, da Sociedade Brasileira de Cardiologia e do Colégio dos Cirurgiões. E ainda lhe sobrava tempo para escrever canções populares, em parceria, gravadas por vários cantores da época.

Em 1960, publica obra essencial para o conhecimento da vida do grande líder abolicionista, José do Patrocínio. **No tempo de Patrocínio**. 2 v. São Paulo: Saraiva. Nessa obra, o autor reconstitui a vida e a

obra do notável jornalista, poeta e principal abolicionista brasileiro, José do Patrocínio, filho de Justina Maria do Espírito Santo, mulher negra e quitandeira e do padre João Carlos Monteiro. Nascido em 1853, herdou a pele escura da mãe, o que lhe trouxe a discriminação da sociedade racista de sua época. Indo para o Rio estudar Medicina, só conseguiu fazer, a duras penas, o curso de Farmácia, que nunca exerceu. A profissão em que angariou o respeito da sociedade da época foi o Jornalismo, em que lutou, arduamente, pela abolição da escravatura, só efetivada em 1888. No v. 2, o autor contextualiza o período turbulento do início da República e a perda de prestígio de Patrocínio, cujos últimos se passaram na execução de um balão, que nunca ascendeu ao céu. Antes, Patrocínio fora deportado por críticas a Floriano para os confins da Amazônia, em Cucuí, onde quase morreu de doenças tropicais. “Afundado numa casa humilde de subúrbio, aí divide as horas escrevendo artigos para *A Notícia* e *O País*, dando aulas a crianças pobres da vizinhança, jogando cartas com o filho, conversando com amigos que, de longe em longe, por lá aparecem”. “O Tigre da Abolição” morre, vítima de ruptura de aneurisma da aorta, em janeiro de 1905. Seu féretro foi acompanhado por antigos amigos e ex-escravos, que o levaram à última morada no Cemitério de São Francisco. Dele disse Lopes Trovão, no sepultamento: “Homens há que não morrem. Este é dos que hão de viver eternamente... Tu vais com todas as injúrias que te fizeram. Não te compreenderam!”. No entanto, um seu companheiro de imprensa, Medeiros e Albuquerque, no mesmo jornal em que Patrocínio escreveu até a morte, assim se referirá ao grande abolicionista: “Patrocínio, que era precisamente um dos centros do agrupamento da rapaziada da época, sempre me causou grande nojo, mesmo físico. Aquele negrão gordo, com uma cara empapuçada de alcoólico, um modo de andar acanalhadamente, nunca me agradou. (...) Foi um homem de grande talento, mas torpe e venal”. Tal era (e é) o racismo visceral disseminado na sociedade brasileira. Talvez por ter saído em dois volumes, fato que desagradou a Ciro, o livro não teve o alcance obtido pelo **No Tempo de Paula Ney**, publicado dez anos antes.

Na década de 1960, CVC continuava a exercer várias atividades, mesmo tendo entrado na terceira idade. Mesmo a distância, participa das discussões para a criação do curso de Medicina da futura Ufes, tra-

balha na Secretaria Geral de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal, como Secretário. Também era redator-chefe do Serviço Rádio Executivo Nacional e Promotor de Programas da Rádio Rural, como assessor do Sindicato dos Médicos, Redator no Ministério da Educação, Redator do Brasil Rotário, Redator da Sociedade Brasileira de Gastroenterologia, 2º Secretário do Conselho Regional de Medicina, redator do Boletim do SINMED e do Boletim do Museu de Armas. E chega ao fechamento de sua laboriosa carreira como Secretário particular do Ministro da Saúde, Dr. Raimundo de Brito. Com a ascensão dos militares ao poder, reencontra seus ex-amigos, reconhecidos de seu talento e de sua colaboração desde os tempos getulistas.

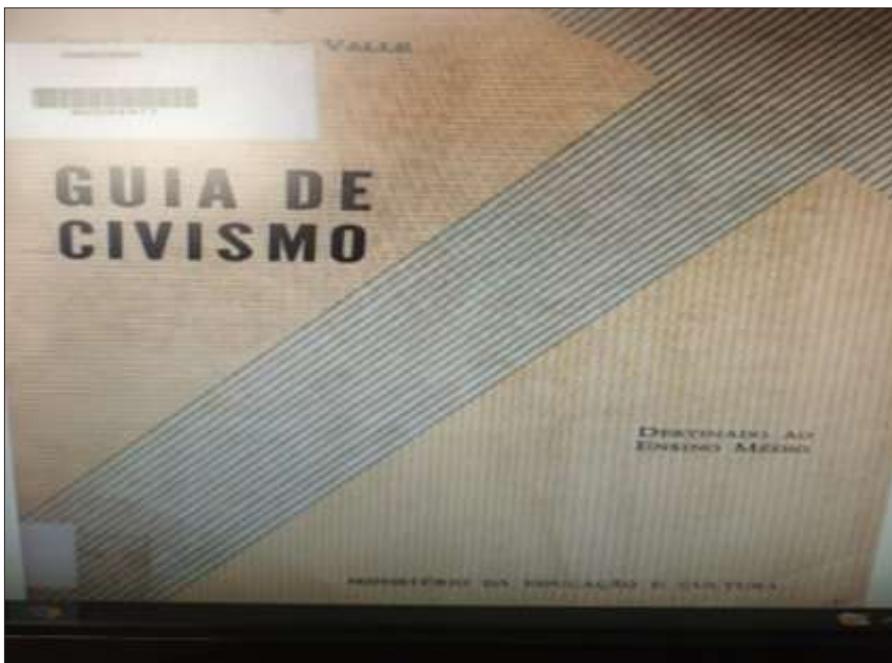
Em 1965, publica **Memórias de um médico da roça**. Rio. Ed. do Val. 166p. Numa linguagem simples e agradável, o autor recorda passagens pitorescas de sua experiência de clínico em uma vilazinha de trinta casas, sem água encanada e sem luz elétrica, no interior das montanhas capixabas, alinhando lembranças de sua vida de estudante numa pensão na Lapa, nos fins da Primeira Guerra Mundial. O tempo da narração vai de 1915, quando inicia sua Faculdade de Medicina a 1932, quando desiste da profissão de médico. Estilista sem pedantismos, espírito alegre e irônico, chega, às vezes, à mordacidade ao relatar circunstâncias políticas e sociais com que convive. Uma obra-prima de memórias. Talvez, para nós, capixabas, sua melhor obra. E, para encerrar sua obra memorialística, publicou, em 1970, **A arte de colar**. Trata-se de 27 crônicas memorialísticas e irônicas de seu tempo de estudante de Medicina e de professor sobre a arte de “Colar(bras.)- copiar nas provas escritas dos exames sem que o lente ou examinador o perceba”, conforme o Pequeno Dic. da Língua Portuguesa. E assim se encerrou sua publicação literária, visto que **100 Piadas de Paula Ney** só foi publicada em 2001, após a sua morte, por seus filhos. Não sabemos se deixou inéditos, pois seu acervo foi doado ao IHGB e ainda não foi pesquisado.

Todavia, para fechar este ensaio, cabe mencionar o seu **Guia de Civismo**, publicado em 1972, quatro anos antes de sua morte, pelo MEC, em Brasília, em parceria com Terezinha Saraiva, professora muito atuante em cargos de chefia e direção no Ministério da Educação, durante a ditadura militar. Essa obra, publicada em 1972, quatro anos após

a realização de um concurso pelo MEC, era destinada ao Ensino Médio, para utilização na disciplina Educação Moral e Cívica, obrigatória, conforme Prefácio do Ministro da Educação, Jarbas Passarinho. No Prefácio, ele disse: “Nesta oportunidade não nos seria lícito omitir o aplauso que estão a merecer quantos entusiasticamente se dedicam à formação de crianças e adolescentes, desenvolvendo-lhes, desde cedo, nas almas em floração, o culto à Pátria, que, no caso brasileiro, encontra, na História e no ambiente, nos céus, na terra e no subsolo, toda uma inexaurível fonte de salutareos incentivos, a atingirem as dimensões e a força de autêntico desafio, que se diria formulado na medida da capacidade do nosso Povo, providencialmente dotado de inatas aptidões à altura dos destinos do Brasil Grande, de cuja realidade nos vamos aproximando em ritmo acelerado, para colocarmo-nos definitivamente ao nível das potências mundiais de primeira grandeza. O Ministério cumprimenta os professores: Paulo Silva de Araújo e Cel. Diniz Almeida do Valle, 1.º lugar; Maria Terezinha Tourinho Saraiva e Dr. Ciro Vieira da Cunha, 2.º lugar; Major Hélio Casatle da Conceição, 3.º lugar, pelos seus excelentes trabalhos, que entregamos aos professores e estudantes brasileiros. Eles são afirmação patriótica de Brasil”. Era o tempo da ideologia do ultranacionalismo, do fervor patriótico, do “Ame-o ou deixe-o”, do Brasil Grande, muito semelhante ao do “Brasil acima de tudo” de memória recente.

O Prefácio é seguido da seguinte Advertência: “O presente GUIA, classificado em 1.º lugar, juntamente com outro trabalho de autoria do Prof. Paulo Silva de Araújo, em concurso realizado pelo Ministério da Educação e Cultura, em 1968, para a escolha de um Guia de Civismo destinado ao ensino médio, orientou-se pelas Ideias Básicas das Instruções Reguladoras, elaboradas pela Comissão Organizadora, assim constituída: Gen. Div. Moacir Araújo Lopes, Professores José Camarinha do Nascimento, Ruy Vieira da Cunha. Walter Ramos Poyares, Cmt. Lywal Sales e Professor Jorge Boaventura de Souza e Silva. Essas Instruções foram aprovadas pelo Ministro da Educação e Cultura, Tarso Dutra, e publicadas no Diário Oficial da União de 8 de abril de 1968. O julgamento do Concurso, expresso por unanimidade, foi realizado pela Comissão composta do Gen. Div. Moacir Araújo Lopes e dos Professores Jurandyr Lodi. Eloywaldo Chagas de Oliveira e Arthur Machado Paupério.

Interessante é que, na Comissão Organizadora do referido concurso, estava o filho do Dr. Ciro, Rui Vieira da Cunha, que ocupou altos cargos na administração pública durante o período militar, era professor da Escola Superior de Guerra, foi Diretor da Divisão de Educação Extra-Escolar do MEC e Secretário-Geral do Ministério da Saúde, além de ter chegado a Ministro (Interino) da Saúde. Para que o “GUIA DE CIVISMO” atingisse os objetivos da ação educacional cívico-democrática e do preparo do brasileiro para o exercício da cidadania, aos olhos dos militares, á orientar-se por ideias básicas, cuja síntese era: “o conceito de civismo deve ter em vista os três aspectos fundamentais — CARÁTER, PATRIOTISMO E AÇÃO: Caráter — com base na moral, originária da ética, tendo por fonte DEUS (Constituição do Brasil, Preâmbulo) ; Amor à Pátria — e às suas tradições, com capacidade de renúncia; Ação — intensa e permanente, em benefício do Brasil”. Como epígrafe, trazia o lema “Apaixona-te pela tua Pátria; trabalha, confia e prospera”, assinado pelo Comandante Frederico Villar, uma paráfrase do “Ordem e Progresso” e do “Trabalha e Confia”, inscritos na bandeira nacional e do Espírito Santo.



Pelo Sumário, pode-se visualizar os assuntos tratados: PRINCIPAIS CONCEITOS. ESQUEMA PORMENORIZADO. O HOMEM E O ESTADO. LIBERDADE E MATERIALISMO. DIREITOS INDIVIDUAIS. A FAMÍLIA. O TRABALHO. DEMOCRACIA REPRESENTATIVA NO BRASIL. O VOTO. O BRASILEIRO. DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO HOMEM BRASILEIRO. A RELIGIÃO NO BRASIL. JUSTIÇA BRASILEIRA. A JUVENTUDE BRASILEIRA. VENÇAMOS O SUBDESENVOLVIMENTO. EDUCAÇÃO NO BRASIL. SEGURANÇA NACIONAL. SERVIÇO MILITAR NO BRASIL. NOSSAS FORÇAS ARMADAS. ORGANIZAÇÃO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICA DO BRASIL. VULTOS BRASILEIROS: Arariboia. André Vidal de Negreiros. Antonio Felipe Camarão. Henrique Dias. Tiradentes. Maria Quitéria. Antônio João. Osório. Caxias. Ana Néri. Tamandaré. Pedro II. Mauá. Deodoro. Carlos Gomes. Floriano. Rio Branco. Olavo Bilac. Rui Barbosa. Osvaldo Cruz. Santos Dumont. Rondon. SÍMBOLOS NACIONAIS. HINO NACIONAL. HINO À BANDEIRA NACIONAL. ORAÇÃO À BANDEIRA. BIBLIOGRAFIA.

Os Principais Conceitos em que se baseou o **Guia de Civismo** eram: 1. Democracia Representativa, com Deus, é a forma ideal de vida das nações. 2. Liberdade com religião e não totalitarismo materialista. 3. Trabalho, Religião e Civismo realizam o desenvolvimento integral e a felicidade de uma Nação. 4. O Brasil é uma Democracia Representativa, alicerçada em tradições cristãs. 5. Nosso país está no limiar da Era Tecnológica. 6. A soberania de uma nação exige a Segurança Nacional. 7. As Forças Armadas Brasileiras são fator de segurança, civismo e desenvolvimento. 8. Cultuar os vultos nacionais é praticar civismo. Revela caráter c patriotismo e leva à ação, pelo exemplo. 9. Educação e cultura, com Deus, têm formado a base dos povos felizes. 10. O Estado existe para o Homem, que deve cumprir os seus deveres para com a Pátria. 11. O Serviço Militar obrigatório é básico para a Segurança Nacional. 12. As Instituições Pátrias — Família, Escola, Justiça, etc. —, protegidas pelo Estado, garantirão o futuro da Nação. 13. A juventude é a esperança da Pátria. 14. A Constituição do Brasil afirma a liberdade. 15. Todo brasileiro tem direito à igualdade de oportunidade na educação e à livre escolha de trabalho digno. 16. A livre iniciativa constrói o desenvolvimento do País. 17. O desenvolvimento integral do homem brasileiro — espiritual,

moral e material — é Objetivo Nacional. 18. Votar é ato de civismo. 19. A prestação do Serviço Militar dignifica o cidadão. É expressão de civismo. 20. A Evolução do Brasil fundamenta-se nas tradições cristãs. 21. A juventude brasileira estuda, trabalha e constrói a grandeza da Pátria. 22. É necessário compreender os jovens e encaminhá-los para as sendas do civismo, na sua tríplice expressão de caráter, patriotismo e ação.

O **Guia de Civismo** é precioso documento para os estudiosos da história da educação brasileira, pois revela a ideologia prevalecente em todo período de dominação militar, mas vou concluir com o papel desempenhado por Olavo Bilac, o único poeta a fazer parte da relação listada no documento e o destaque que se dá a ele em toda a história da República, até o governo militar. Vejamos o que vem transcrito no capítulo sobre Serviço Militar, item 234: “Recordando, ainda, Olavo Bilac, transcrevemos, como merecida homenagem, uma sua belíssima e vibrante poesia. Revela patriotismo de tal modo profundo que todo brasileiro devia sabê-la de cor: A PATRIA. Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! Criança! não verás nenhum país como este! Olha que céu! que mar! que rios! que floresta! A Natureza, aqui, perpetuamente em festa, É um seio de mãe a transbordar carinhos. Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos, Que se balançam no mar, entre os ramos inquietos! Vê que luz, que calor, que multidão de insetos! Vê que grande extensão de matas, onde impera, Fecunda e luminosa, a eterna primavera! Boa terra! Jamais negou a quem trabalha O pão que mata a fome, o teto que agasalha... Quem com o seu suor a fecunda e umedece Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece. Criança! não verás, nenhum país como este! Imita na grandeza a terra em que nasceste!”. Todos nós, estudantes desse período, sabíamos de cor essa poesia de Bilac e nunca nos chamaram à atenção para a falsa ideologia que transmitia. Somente após a ditadura militar, pudemos ler trabalhos como o de Marisa Lajolo, **Usos e abusos da literatura na escola**, ou o de Edson Campos, **Texto são em mente sã. Um projeto de leitor** em que se desnudam as verdades ocultas nos textos escolares.

No item 235, o documento reproduz os atos governamentais que tornaram obrigatórias as comemorações do centenário do nascimento de Olavo Bilac, o ilustre “homem cívico”, que instituíram o “Dia do

Reservista” na data do seu natalício e que o consideraram “Patrono do Serviço Militar” , desde o Governo Vargas. O general Moacir Araújo Lopes, autor **Olavo Bilac, O Homem Cívico**, assim define o “Príncipe dos Poetas Brasileiros” no capítulo dos “Vultos Pátrios”, do **Guia de Civismo**: “A Nação brasileira, agradecida ao grande filho, instituiu o Dia do Reservista, comemorado na sua data natalícia: 16 de dezembro (Decreto-Lei n.º 1.908, de 26 de dezembro de 1939), e concedeu-lhe o honroso título de Patrono do Serviço Militar (Decreto-lei n.º 58.222, de 19 de abril de 1966), glórias que se somam ao título, que possuía antes, de Príncipe dos Poetas Brasileiros. (Item 369. P.265).

Incensado em 1939, por Getúlio e, em 1965 e 1966, por Castello Branco, Olavo Bilac, que tanto impacto causou a Ciro Vieira da Cunha, em sua Campanha Cívica de 1915, e marcou-o, indelevelmente, é considerado pelos governantes citados o “homem cívico” brasileiro, o criador do catecismo cívico da juventude brasileira, com seus poemas, hinos e discursos, “buscando em suas atitudes exemplos para as novas gerações”. Quando comecei a pesquisar a vida e a obra de Ciro Vieira da Cunha, só o conhecia como sonetista perfeito, parnasiano autêntico, passadista mesmo, um escritor que teve Bilac como ídolo e modelo e o seguiu até a morte. Aprofundando a pesquisa, vi que Ciro Vieira da Cunha foi não só um bilaqueano formalmente, mas, também, ideologicamente, um “intelectual orgânico” que seguiu os passos do mestre em todos os aspectos. Tanto Bilac e Ciro são lembrados, hoje, como escritores. Neste ensaio, quis demonstrar também o papel ideológico que tiveram como “homens cívicos” a serviço de governos autoritários, ultranacionalistas e reacionários.

REFERÊNCIAS

- ACHIAMÉ, Fernando. **O Espírito Santo na Era Vargas (1930-1937)**. Elites políticas e reformismo autoritário. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- CAMPOS, Edson N. **Texto são em mente sã: Um projeto de leitor**. A prática da leitura na revista Era uma vez... o Brasil da era Vargas. Os anos 40. Belo Horizonte: FALE-UFMG. 2001.
- CARVALHO, Marta M. C. de. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 15ed. São Paulo: Brasiliense. 1984.
- CUNHA, Ciro Vieira da. **Memórias de um médico da roça**. Rio de Janeiro: Ed. do Val. 1965.
- _____. **Espera Inútil**. Vitória; Imprensa Oficial. 1933.
- _____. **Alguma Poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1942. 76p.
- _____ et alii. **Sinfonia das ruas de Vitória**. Poema a 4 mãos. Vitória. s/ed.1943.
- _____. **O Cadete 308**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio. 1956. 24p.
- _____. **A Arte de Colar**. Rio de Janeiro: s/ed. 1970. 68p.
- _____. **100 Piadas de Paula Ney**. Rio de Janeiro: Galo Branco. 2001. 78p.
- CUNHA e Filhos, Cenilde L. V. da. **Rui Vieira da Cunha. Biografia e Genealogia**. Rio de Janeiro. Ed. dos Autores. 2004. 116p.
- DEL FIORENTINO, Teresinha A. **Utopia e Realidade. O Brasil no começo do século XX**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- GUIA DE CIVISMO**. Mec. 1972. In; <https://livros01.livrosgratis.com.br/me002420.pdf>

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 6ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1986.

ELTON, Elmo. **Poetas do Espírito Santo**. Vitória: PMV/UFES. 1982. P. 97-99.

JONES, Theomar. **Ciro Vieira da Cunha. Inteligência e Sensibilidade**. S/ed. 1989.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola. Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo. 1982.

_____ e ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças**. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

LOPES, Moacir Araújo (Gen.). **Olavo Bilac. O Homem Cívico**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. Liga de Defesa Nacional. 1968.

OLIVEIRA, Ester A. V. de. Homenagem da Academia Espírito-santense de Letras a ilustres escritores. In: **Revista do IHGES**. Vitória. Ano 1998. N. 50. P. 267-271.

VIEIRA, José Eugênio. **Castello. Origem, Emancipação, Desenvolvimento. 1702-2004**. Vitória: s/ed. 2004.

